Juliana Barros Prata Carvalho

Sincretismo religioso brasileiro: um estudo através das Veredas de Grande Sertão

Dissertação de mestrado

PUC/SP

2007

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

Juliana Barros Prata Carvalho

Sincretismo religioso brasileiro: um estudo através das Veredas de Grande Sertão

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, sob orientação da Prof. Dra Maria José F. Rosado Nunes.

PUC/SP

2007

Banca Examinadora

_____

_____

_____

A José Eduardo e Maria Silvia, meus pais,
com amor e carinho.

Agradecimentos

Prof. Dra. Maria José Fontella Rosado Nunes, minha orientadora.

Prof. Dr. Ênio Brito.

Prof. Dra. Vera Bastazin.

Prof. Brígida Malandrino.

Roseli Mendes de Carvalho.

Roberto Mello Jr.

Rodrigo Scaff.

Prof. Dra. Maria Inês Nocite.

E em especial, à Wilson e Zideina, meus avós maternos, pelos muitas maneiras que sempre têm de me apoiar.

A todos que contribuíram para que esta dissertação fosse concluída.

Resumo

Este trabalho é uma tentativa de compreensão do sincretismo religioso brasileiro via *Grande Sertão: Veredas*. Ou seja, a dissertação tenta estabelecer um paralelo metafórico entre a pluralidade sincrética e religiosa contida no único romance de João Guimarães Rosa e o sincretismo religioso brasileiro. Esta dissertação é feita na área de Ciências da Religião, mas, por usar como instrumento um romance, objeto pertencente ao campo da literatura, dialoga com esse campo de conhecimento.

A ponte entre ficção e realidade é estabelecida como um vínculo vivo e em constante transformação. Tanto os personagens do livro como o povo brasileiro são tratados aqui como seres em processo de descoberta de sua identidade, como "gente" em fazimento, à luz de Darcy Ribeiro, Gilberto Freyre e outros teóricos. Parte fundamental dessa descoberta é a maneira pela qual os indivíduos tentam se relacionar com objetos considerados de transcendência religiosa. Essa maneira será trabalhada enfatizando o sincretismo. O conceito de mestiçagem e o conceito de religião também serão explorados.

As conclusões obtidas neste trabalho, mais do que uma resposta absoluta e fechada para as indagações feitas, são um caminho extenso e aberto a ser percorrido. A investigação sobre o sincretismo religioso, tendo como instrumento *Grande Sertão: Veredas*, só é possível via metáfora. Além disso, a viabilidade desta dissertação só é possível levando em conta que o povo brasileiro é obrigatoriamente mestiço.

Palavras-chave: metáfora, mestiçagem, sincretismo religioso e Grande Sertão: Veredas.

Abstract

This work is an attempt to understand Brazilian religious syncretism via “Grande Sertão: Veredas”. Therefore the essay tries to establish a metaphoric parallel between syncretic and religious plurality contained in João Guimarães Rosa’s only romance and Brazilian religious syncretism. This essay is focused on the area of Science of Religion but because it uses a romance - which belongs to the field of literature - as a tool it dialogs with that field of study.

The bridge between fiction and reality is established as a live link in constant transformation. Both the characters of the book and the Brazilian people are treated here as beings in a process of discovery of their human identity, as a work-in-progress, under the light of the work of Darcy Ribeiro, Gilberto Freyre and other theorists. A fundamental part of such discovery is the way through which individuals try to relate to objects which are thought to have religious transcendence. Such process will be an object of work with emphasis on syncretism. The concepts of racially-mixed ancestry and religion will also be explored.

The conclusions reached in this work rather than absolute and conclusive answers to the questions proposed are long, open paths to be covered. The investigation about religious syncretism using “Grande Sertão: Veredas” as a tool is only possible via metaphor. Additionally the viability of this essay depends on the assumption that the Brazilian population is necessarily “mestizo”.

Keywords: metaphor, racially-mixed ancestry, religious syncretism and *Grande Sertão: Veredas*.

Sumário

Introdução 10

1 - Muito prazer, João Guimarães Rosa 18

1.1 - Breve biografia de João Guimarães Rosa 18

1.2 - Obras de João Guimarães Rosa 21

1.3 – *Grandes Sertões: Veredas* 22

1.3.1 - Resumo de *Grande Sertão: Veredas* 22

1.3.2 - Breve análise de *Grande Sertão: Veredas* 23

1.3.2.1 - Reflexão Sertaneja de Tatarana 23

1.3.2.2 - Diálogo ou monólogo 24

1.3.2.3 - Riobaldo narrador 25

1.3.2.4 - Heróis de *Grande Sertão: Veredas* 26

1.3.2.5 - Riobaldo, língua e sertão: um só 27

1.3.2.6 - Veredas na Internet e na televisão 28

1.3.2.7 - Cidade e Campo 30

1.3.2.8 - Alguns impactos da obra rosiana 31

2 - O sertão religioso e o sertão literário de João Guimarães Rosa 36

2.1 - Valores literários segundo Ítalo Calvino 37

2.1.1 - Leveza 37

2.1.2 - Rapidez 38

2.1.3 – Exatidão 41

2.1.4 – Visibilidade 44

2.1.5 – Multiplicidade 45

2.2 - Literatura e realidade 47

2.3 - Multiplicidade dos estudos rosianos 49

3 - Veredas Religiosas 58

3.1 - O antagonismo como elemento formador do humano em fazimento e a religião 58

3.2 - Religião como um sistema coletivo 64

3.2.1 - Profano e Sagrado / Pacto com Diabo 69

3.2.2 - A importância dos chefes jagunços e sua ligação com Maria 76

3.3 – Mestiçagem 78

3.3.1 - Mestiçagem como Travessia 80

3.3.2 - Amizade mestiça 83

3.4 – Sincretismo 92

Conclusão 93

Grande Sertão: Veredas como metáfora da religiosidade brasileira 93

Língua como elemento de identidade nacional 94

Vínculos entre religião e literatura 96

Bibliografia 100

Eu acho que o homem é religioso como é bípede. Tem Deus no começo e no fim.

Adélia Prado, Prosa Reunida.

Introdução

Razões do estudo

Procurando um início adequado para o estudo desenvolvido nestas páginas, voltei ao *O Conto da Ilha Desconhecida* de José Saramago.

> ...capitão sou eu, e não me atrevo com qualquer barco, Dá-me então um com que possa atrever-me eu, não, um desses não, dá-me antes um barco que eu respeite e que possa respeitar-me a mim, Essa linguagem é de marinheiro, mas tu não és marinheiro, Se tenho a linguagem, é como se o fosse.[1]

Na tentativa de apossar-me da linguagem de João Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas*, utilizei-a como instrumento para buscar traçar um perfil do sincretismo religioso no Brasil. Durante toda a dissertação, o romance será tratado como uma metáfora do modo de ser brasileiro[2], como uma metáfora do humano. Por isso, sempre que adequado, serão feitas relações entre trechos do romance e o que aqui é entendido como a formação sociológica do brasileiro.

Essas relações serão complementadas, em determinados momentos, por alguns estudos, já trabalhados anteriormente, sobre a obra rosiana. Esses trabalhos estão diluídos, ora ou outra, ao longo da dissertação. Entretanto, eles aparecem, mais concentrados, no tópico multiplicidade dos estudos rosianos, do capítulo II; apresentando estudos desenvolvidos sobre *Grande Sertão: Veredas*; alguns abordam o viés religioso.

A seguir, serão expostas as razões pelas quais a autora acredita que este estudo seja relevante, tanto do ponto de vista pessoal, como pelo ponto de vista acadêmico.

Enveredar-se nas trilhas rosianas é fundamental para entender de que modo o brasileiro é sincrético. Pois, João Guimarães Rosa é um dos maiores

---

[1] José SARAMAGO, *O Conto da Ilha Desconhecida,* p. 26-27.

[2] A regra gramatical que estipula o uso do substantivo masculino para representar, tanto o gênero masculino como o gênero feminino, será aqui respeitada apesar da autora não acreditar que tal critério seja justo.

representantes da Literatura Brasileira. Em *Grande Sertão: Veredas* ele analisa, artisticamente, a qualidade de vida humana.

Tecendo neologismos, criando um sertão imaginário, o autor da obra leva o leitor a "ver" o que o humano poderia ser se tivesse todas suas potencialidades trabalhadas. Essa exploração só pode ser feita via língua. Por isso, vários estudiosos tem tanto interesse no idioma de Grande Sertão: Veredas.

Sobre a revolução lingüística feita na obra rosiana, sobre a análise do humano via literatura, cabe relembrar Eduardo Coutinho, citando Dante Costa em um ensaio chamado *Com os olhos nas mãos*, de 1960:

> ... a denúncia da miséria brasileira, a revelação de um quadro que, pela sua simples amostragem, exige mudança profunda. Ou já esquecemos a critica de Marx ao *romance de tese*? Ou esquecemos a lição de Engels, segundo a qual a mensagem revolucionária deve emergir da *situação descrita*, sem que a ela se faça referência, de *maneira explicita*?[3]

O idioma de *Grande Sertão: Veredas* é fundamental para o estudo do modo de ser religioso do brasileiro. O romance apresenta várias passagens nas quais as personagens têm algum tipo de ligação com elementos considerados de transcendência religiosa. Além disso, o fato de João Guimarães Rosa ter criado uma língua que conta ao leitor quem é o jagunço Riobaldo[4], pode levantar a hipótese de que essa criação lingüística foi, em parte, feita, pois o modo como a religião é vivenciada, naquelas páginas, é única, sendo assim, tinha que ser expresso em uma nova língua: a rosiana. Além disso, a autora acredita que o modo do brasileiro se relacionar com elementos considerados de transcendência religiosa é peculiar ou seja, o modo do brasileiro ser religioso é único. Sendo assim, nada mais adequado a esse modo de ser religioso, em uma relação metafórica, do que a língua de João Guimarães Rosa.

Nesta dissertação tentarei mostrar ao leitor como o sincretismo é presente em Grande Sertão: Veredas e quais as manifestações que compõem esse sincretismo. Até o exame de qualificação desta pesquisa, este estudo tinha como um de seus

---

[3] Afrânio COUTINHO, *A Literatura no Brasil*: Era Modernista, p. 482.
[4] Daqui em diante, Riobaldo será citado também como Companheiro de Diadorim, filho de Bigri, Urutu Branco e Tatarana.

objetivos verificar se o sincretismo presente, na obra literária em questão, era o mesmo dos habitantes da região de Minas Gerais. Entretanto, após a qualificação ficou claro que seria mais adequado abordar o modo de ser religioso do brasileiro e não só do mineiro, tentando estabelecer uma relação metafórica entre o mesmo e o sincretismo encontrado em Grande Sertão: Veredas.

Tratando especificamente da relação metafórica que pretende-se aqui estabelecer é necessário ressaltar que a relação entre *Grande Sertão: Veredas* e a religiosidade tenta ser estabelecida por meio da língua. Aqui esta é vista como elemento fundamental, formador da cultura e como via de união e formação da identidade nacional.

A explicação do estudo de *Grande Sertão: Veredas* para compreensão do sincretismo religioso brasileiro está no fato dessa obra ser um registro artístico de um povo, ser parte da identidade do brasileiro. Este estudo parte do princípio que o o sincretismo de Grande Sertão: Veredas não carrega nenhum tipo de estranhamento dos personagens em relação à mistura de elementos oriundos de religiões distintas. Há passagens do romance que apresentam orações, respeito a certas festas do calendário religioso, às supertições, devoção a Nossa Senhora, diferentes visões que as personagens têm do demônio, respeito às benzedeiras e aos ensinamentos do Espiritismo.

Os vínculos entre religião e literatura são, nesta dissertação, abordados como intrínsecos; como organismos vivos que, assim como a língua, estão em constante movimento.

Em um país como o Brasil, de dimensões gigantescas, tanto geográficas, como artísticas e religiosas, os estudos sobre o sincretismo religioso ainda são poucos; os instrumentos para o estudo do mesmo ainda não são totalmente definidos. Esta indefinição é real, pois o brasileiro ainda é um povo em fazimento.

Como forma de responder às indagações colocadas anteriormente, foi feita a leitura de *Grande Sertão: Veredas*, assim como de obras que tratam do sincretismo religioso. Também foi estudada uma biografia que trata do aspecto sociológico da formação do brasileiro, esta parte da bibliografia tornou possível tentar construir o vínculo metafórico entre a obra literária, utilizada como instrumento de análise, e o sincretismo religioso do brasileiro.

Para que o vínculo mencionado acima seja possível é necessário empregar um vocabulário considerado adequado a este estudo. Sendo assim, há vocábulos essenciais à compreensão deste estudo. Logo, o tópico seguinte colocará o leitor a par dos mesmos.

Considerações introdutórias acerca de alguns termos empregados

Em seguida, será abordada a compreensão que a autora tem aqui dos seguintes vocábulos: metáfora, língua e homem “em fazimento”.

Essa explicação será feita, pois os termos referidos acima, assim como a compreensão dos mesmos por parte da autora, são oriundos de áreas distintas da Ciências da Religião; entretanto dialogam com o campo de conhecimento escolhido para situar este trabalho.

Vocábulos como religião, religiosidade, sincretismo e outros não serão aqui, esclarecidos. Pois, as explicações dos mesmos ou semelhantes tentarão ser feitas e interpeladas ao longo desta dissertação.

Metáfora

A obra em análise é uma verdadeira representação da busca da identidade do povo brasileiro. Partindo do princípio que o brasileiro é um povo em fazimento e o sincretismo religioso é uma das marcas de sua constituição, João Guimarães Rosa, através de representações artísticas, recria este “em fazimento” em sua obra como um todo, inclusive no processo da criação lingüística.

Pode-se dizer que o livro é uma metáfora da forma de ser do povo brasileiro,na medida que o autor trabalha com representações analógicas; ou seja, elabora um processo de construção da língua formadora desse povo.

Pelas razões explicitadas acima, a construção da metáfora será aqui entendida como um processo de:

> *... confrontação, analogia, justaposição, parataxe, tensão, bipolaridade, unificação de heterogêneos*. (...) simbolizam uma única operação da mente,

> ou a redução à unidade de vários processos subentendidos na composição da metáfora.[5]

Língua

A língua é uma forma de expressão que faz com que os humanos estabeleçam vínculos entre si e registrem suas formas de comunicação ao longo do tempo. A língua é uma forma de linguagem.

> A língua é um instrumento de comunicação, um sistema de signos vocais específicos aos membros de uma mesma comunidade. [6]

Torna-se necessário, no entanto, esclarecer que, apesar da obediência ao sistema de signos, pode-se combinar de maneira pessoal o material lingüístico que o mesmo põe à disposição e criar a fala, que é o uso que cada pessoa faz do código lingüístico (sistema de signos).

> A linguagem, que é uma propriedade comum a todos os homens e que remete à sua facilidade de simbolizar, apresenta dois componentes: la langue et la parole (língua/fala). A língua é, portanto, uma parte determinada da linguagem, mas uma parte essencial.[7]

Partindo desse princípio, percebe-se que a língua é um produto social, ao passo que a fala é um componente individual da linguagem. A língua pode ser vista como um contrato coletivo ao qual os membros de uma comunidade se submetem quando querem se comunicar.

Tendo em vista que a língua é um produto social e que as sociedades se modificam, é natural que ela também se modifique.

É necessário esclarecer o que aqui entende-se por língua. Pois, esta é tratada nesta dissertação como elemento que torna possível a *Grande Sertão: Veredas* ser uma metáfora do sincretismo religioso brasileiro. Além disso, a autora acredita que o

---

[5] Massaud MOISÉS, *Dicionário de termos literários*, p. 329.
[6] DICTIONNAIRE DE LINGUISTIQUE LAROUSSE, p. 69. (Tradução nossa). As citações com menos de três linhas também estarão destacadas, pois a análise do ponto de vista lingüístico torna-as relevantes.
[7] *Ibid.,* p. 72. (Tradução nossa)

processo de criação lingüística de João Guimarães Rosa é um processo de criação de um idioma. Aqui é pertinente relembrar o que João Guimarães Rosa, segundo Eduardo Coutinho, considerava relevante em sua relação com a linguagem:

> Em entrevista concedida ao crítico Gunter Lorenz, João Guimarães Rosa afirma que em sua relação com a linguagem há dois aspectos a serem considerados: o metafísico, e aquele a que podemos chamar, de um modo geral, filológico. O primeiro destes aspectos, o metafísico, diz respeito à relação entre linguagem e vida e ao processo de criação por que todo artista passa ao produzir uma obra; o segundo, o filológico, refere-se especificamente à linguagem criada por ele.
>
> Para Guimarães Rosa, linguagem e vida são uma só e mesma coisa. A literatura, arte da linguagem, brota da vida e não pode jamais separar-se dela. Uma pessoa que não faz da linguagem um espelho do seu próprio ser não chega a existir, e o escritor, mais do que ninguém, deve estar ciente disto. Sua relação com a linguagem é um "compromisso do coração".[8]

Homem em fazimento

O brasileiro é o humano em fazimento, por ser fruto da colonização européia, é um povo miscigenado em todas as suas vertentes. Ele ainda não está pronto; está em busca de sua identidade nacional. Ele se faz no dia a dia através da língua, do sincretismo religioso e da arte, que nada mais são que elementos constituintes da cultura.

Toda língua é produto social e como tal sofre influências do seu meio, principalmente no que se refere às transformações históricas, portanto, nada mais natural em *Grande Sertão: Veredas* do que adequar a língua do sertanejo aos eventos de sua sociedade.

Feitas as primeiras considerações, o primeiro capítulo coloca, de maneira sucinta, o leitor a par da vida de João Guimarães Rosa e de sua obra. Além disso, por meio de um resumo, coloca o leitor em contato com o enredo de *Grande Sertão: Veredas* e trabalha pontos do romance considerados relevantes para o objetivo proposto nesta dissertação. Esses pontos são: reflexão sertaneja de Tatarana; diálogo ou monólogo; Riobaldo narrador; heróis de Grande Sertão: Veredas; Riobaldo, língua e sertão: um só; veredas na Internet e na televisão; cidade e

---

[8] Eduardo COUTINHO, Guimarães Rosa e o Processo de revitalização da Linguagem, In: Eduardo COUTINHO, *Grande Sertão*: *Veredas* – Estudos, p. 202.

campo; enfoque dado a *Grande Sertão: Veredas* na dissertação e alguns impactos da obra rosiana.

O segundo capítulo apresenta nas entrelinhas, a crença de que estudar a produção intelectual e artística de um povo é uma maneira de tentar aprender como essa gente insere elementos considerados de transcendência religiosa em seu dia-a dia. Este estudo será feito via língua escrita. Tanto a religião como a literatura, guardadas suas especificidades, são construídas pela linguagem[9]. Nesse capítulo, são expostos conceitos literários que, segundo Ítalo Calvino, são inerentes a qualquer grande livro; esses conceitos são leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade. Esses atributos literários são analisados como presentes em Grande Sertão: Veredas. A ponte entre Literatura e Realidade também é aqui examinada, como uma forma de compreender a maneira que o brasileiro escreve sua religiosidade. O vínculo entre ficção e realidade pode ser uma maneira prazeirosa de atingir o objetivo desta dissertação. São apresentados, ainda nesse capítulo, estudos acerca da obra de João Guimarães Rosa e quais as relações dos mesmos com o sincretismo religioso, com o intuito de melhor situar o leitor frente à obra rosiana e algumas críticas feitas a mesma.

O terceiro capítulo procura trabalhar pontos relevantes na formação sociológica do brasileiro. Alguns desses pontos são relacionados ao sincretismo religioso neste capítulo. Para que o sincretismo em questão seja trabalhado, é necessário aprofundar aqui outros aspectos. Isto, porque o sincretismo religioso ocorre em paralelo a diversos fatores formadores da cultura de um povo e é inserido em um contexto, no caso do Brasil, muito rico e carregado de especificidades que são enriquecidas e melhor definidas, tendo como instrumento Grande Sertão: Veredas. Sendo assim, na primeira parte do capítulo 3, no tópico humano em fazimento, é abordado o “modo de ser brasileiro”, à luz de Darcy Ribeiro, entendendo-se esse modo como em constantes mudanças e com diferentes influências, dada a raiz índia, portuguesa e africana do país, e os movimentos migratórios que ocorreram e ocorrem no território nacional. Também é trabalhada a religião, segundo Clifforf Geertz, como um modelo, formado por um conjunto de símbolos, que faz parte da cultura. Depois, a religião é abordada como sistema

coletivo, segundo Émile Durkheim, estabelecendo pontes entre os conceitos teóricos expostos e a obra de João Guimarães Rosa.

Um quarto tópico, do terceiro capítulo, trata do sagrado e do profano e do pacto com o diabo. O primeiro é visto como dois ambientes distintos, pertencentes a um só universo; ora o sagrado e o profano se comunicam, ora são separados, ora são unidos pela personagem. O segundo é visto como um símbolo, são analisadas as conseqüências que o pacto com o Diabo tem na vida de Riobaldo e não se o pacto com o Capeta foi feito ou não. A importância dos chefes jagunços e sua ligação com Maria também é um tópico e é tratado como elemento essencial para a compreensão do modo de ser religioso do brasileiro. Esse tema é especulado, visto que, no Brasil, país oficialmente católico, a devoção Mariana é muito presente e se faz de maneira sincrética. Depois, a dissertação caminha para o tópico mestiçagem, enxergando esta como fonte do sincretismo religioso. Como alicerce teórico são utilizados, principalmente, estudos de Gilberto Freyre, Renato Ortiz e Darcy Ribeiro. Essa parte do estudo trata da mestiçagem como travessia e faz uma relação entre essa travessia e o percurso de Tatarana dentro do romance, afirmando que a mestiçagem é presente em quase todos os vieses: na língua, nos fatos que ocorrem na vida dos protagonistas da história, no modo de narrar a obra e na relação de Urutu Branco e Reinaldo[10]. É dado inclusive, um enfoque pontual à ligação de Tatarana e Reinaldo em um tópico que carrega o nome de amizade mestiça. O final desse capítulo trabalha, de maneira mais pontual, o sincretismo, elemento inerente à obra rosiana e ao modo de existir do brasileiro.

---

[9] Aqui, apenas a língua escrita será tratada, mas vale lembrar que as religiões têm sua produção intelectual registrada por várias formas de linguagem, algumas crenças não usam a língua escrita em seus rituais.

[10] Daqui em diante, Diadorim será citada também como a filha de Joca Ramiro, Reinaldo e Deodorina

1 - Muito prazer, João Guimarães Rosa

Este capítulo é formado pelos seguintes tópicos: breve biografia de João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas* e alguns impactos da obra rosiana.

Este capítulo tem como objetivo apresentar João Guimarães Rosa e *Grande Sertão: Veredas* ao leitor, para que a ligação entre o modo de ser religioso do brasileiro e a obra rosiana seja compreendida da maneira que aqui entende-se ser adequada.

Será exposta uma breve biografia de João Guimarães Rosa e de seu romance *Grande Sertão: Veredas*. Isso é necessário, pois como o autor afirmava:

> ... é impossível separar minha biografia de minha obra[11].

1.1 - Breve biografia de João Guimarães Rosa

João Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo, Minas Gerais, no dia 27 de Junho de 1908 e faleceu no Rio de Janeiro no dia 19 de Novembro de 1967; três dias após tomar posse na Academia Brasileira de Letras.

João Guimarães Rosa foi o primeiro filho de Floduardo Pinto Rosa, juiz de paz e comerciante, e de Francisca Guimarães Rosa. Até os dez anos de idade viveu em Cordisburgo. Nesse período, aprendeu a tocar violino. Sua paixão pelas línguas se manifestou cedo. João Guimarães Rosa leu o primeiro livro em francês por volta dos 6, 7 anos de idade. Tomou conhecimento desta língua e do holandês com o Frei Anízio Zoetmulder, franciscano.

Em 1918, levado pelo avô materno, mudou-se para Belo Horizonte onde estudou no colégio Dr. Arnaldo e depois cursou a faculdade de Medicina.

Já no período da graduação, entre 1925 e 1930, João Guimarães Rosa concorre com contos, quatro vezes, a prêmios literários dados pela revista *O*

---

[11] Gunter LORENZ, Diálogo com Guimarães Rosa, In: Eduardo COUTINHO, *Guimarães Rosa Seleção de Textos*, p. 66.

Cruzeiro. É premiado todas essas vezes, mas se interessa, nessa época mais pelos prêmios dados em dinheiro do que pela carreira literária.

Após cinco anos na faculdade, forma-se e é o orador de sua turma. Neste mesmo ano: 1930, casa-se com Lygia Cabral Pena. No ano seguinte, o casal segue para Itaguara, Minas Gerais; cidade na qual passa a exercer a medicina.

Em 1932, atua como voluntário da Força Pública, na Revolução Constitucionalista e trava amizade com Juscelino Kubitschek.

Desde a infância, nunca deixou de estudar línguas tanto que, ainda estudando e já trabalhando no Departamento de Estatística conhecia francês, holandês, russo, japonês, italiano, espanhol, inglês, grego. Sua filha Vilma afirma:

> Meu pai iniciou-se no francês e no alemão, que mais tarde conheceria por plano e profundeza, línguas e dialetos. Relacionou-se em amizade com o espanhol, o italiano, o inglês, o sueco, o dinamarquês, o holandês, o russo, o polonês, o lituano, o húngaro, o tcheco, o romani, o árabe, o hebraico, o japonês. O grego. E com o sânscrito, mãe de tantas línguas. Com o esperanto e o tupi.
>
> Gostava de conhecer ao menos um membro de cada linhagem lingüística, para, progressivamente, entender-se com alguns outros da família.
>
> "Eu quero tudo: o mineiro, o brasileiro, o português, o latim, talvez até o esquimó e o tártaro. Queria a linguagem que se falava antes da Babel."[12]

Sendo assim, por sugestão de um amigo, em 1934 ingressa na carreira diplomática, tendo tirado segundo lugar na prova do Itamarati.

Dois anos depois, em 1936, seu único livro de poesias Magma, é premiado pela Academia Brasileira de Letras. Entretanto, a publicação dele só ocorre muitos anos depois, em 1997.

Ele foi um dos primeiros diplomatas intérpretes de russo, no Brasil.

No período de 1938 a 1942 (cônsul-adjunto em Hamburgo) vive no exterior.

No ultimo ano deste período, é juntamente com Cícero Dias e outros, feito prisioneiro pelos alemães. O grupo é libertado, após alguns meses, em troca de diplomatas alemães, tendo o escritor retornado ao Brasil.

---

[12] Vilma Guimarães ROSA, *Relembramentos:* João Guimarães Rosa, meu Pai, p. 89.

Porém, não fica muito tempo em solo nacional; logo é mandado a Bogotá como secretário da Embaixada; posto que ocupa até 1944.

Em 1945 faz uma excursão a Minas Gerais e ao Mato Grosso.

Vai a Paris como membro da delegação à Conferência de Paz. Na capital Francesa, conhece José Mindlin, bibliófilo.

Sobre esse encontro, no livro “Uma Vida Entre Livros”, Mindlin comenta:

> Fizemos boa camaradagem, e durante um mês corríamos juntos as livrarias de Paris, conversando durante as andanças sobre um mundo de coisas, mas nada, que eu me lembre, de muito sério. Ficamos bons camaradas, como disse, mas ele não me deu nenhuma indicação de que fosse escritor. Ao mesmo tempo, tinha uma preocupação com roupa e aparência.[13]

Em 1946, estréia oficialmente sua carreira de escritor com a publicação de Sagarana. Esse livro de contos tem um estrondoso sucesso, a segunda edição é lançada apenas quatro meses depois da primeira.

Como secretário geral da delegação brasileira à IX Conferência Panamericana encontra-se, em 1948, novamente em Bogotá. Neste mesmo ano, retorna também a Paris como Primeiro Secretário e Conselheiro de Embaixada.

João Guimarães Rosa permaneceu neste posto no exterior até 1951.

Retornando à pátria em 1951, é nomeado Chefe-de-Gabinete do Ministro João Neves; cargo que já havia ocupado em 1946.

No ano de 1952, publica Com o vaqueiro Mariano, livro de contos.

Em 1953, torna-se chefe da divisão de orçamento e, em 1958, é nomeado Ministro de 1ª. Classe – cargo correspondente a Embaixador atualmente.

Corpo de Baile e Grande Sertão: Veredas são publicados em 1956. O primeiro é uma novela e o segundo um romance, o único publicado por João Guimarães Rosa.

Em 1962, é designado no Itamarati, para o comando do Serviço de Demarcação de Fronteiras. Neste mesmo ano, é lançado Primeiras Estórias, livro de

---

[13] José MINDLIN, *Uma Vida entre livros*, p. 103.

contos. No ano seguinte, é eleito como membro da Academia Brasileira de Letras; essa foi sua segunda tentativa para ocupar uma cadeira na referida instituição. Apesar do sucesso de sua eleição, adia a posse na Academia por quatro anos, por medo de não agüentar a emoção. Enquanto adia sua posse na Academia, publica três novelas: Manuelzão e Miguilim em 1964; Urubuquaquá, no Pinhém e Noites do Sertão, as duas últimas em 1965. Todas as três são desdobramentos de Corpo de baile.

Em 1967, em abril, é vice-presidente do Congresso de Escritores no México. Em outubro, participa do Conselho Nacional de Cultura sobre o acordo lingüístico luso-brasileiro. Neste ano, ele também publica Tutaméia (terceiras estórias).

Finalmente, em novembro de 1967, João Guimarães Rosa resolve assumir o posto na Academia. Ainda receoso pela emoção que já previa, pediu a amigos mais chegados que o observassem com atenção, enquanto fazia seu discurso, pois temia se sentir mal. No dia 16 de novembro, toma posse na Academia Brasileira de Letras. No dia 19 do mesmo mês falece, em sua casa, vítima de um enfarte.

João Guimarães Rosa foi casado duas vezes; a primeira com Lygia Cabral Pena, mãe de sua duas únicas filhas Agnes e Vilma. Casou-se pela segunda vez com Aracy Moebius de Carvalho e com ela viveu até o fim de sua vida.

Após o falecimento do autor, são publicados, ao longo dos anos: Estas estórias, livro de contos lançado em 1969; Ave, palavra; contos lançados em 1970; além de obras em colaboração: O mistério dos MMM que sai no ano de 1962; Os Sete pecados capitais, lançado em 1964; João Guimarães Rosa: correspondência com o tradutor italiano que saí em 1972; Saragana emotiva: cartas de João Guimarães Rosa a Paulo Dantas lançado em 1975.

1.2 - Obras de João Guimarães Rosa

Saragana. 1946 (contos) ; *Com o vaqueiro Mariano*. 1952 (contos); *Corpo de baile*. 1956 (novela); *Grande Sertão: Veredas*. 1956 (romance); *Primeiras estórias*. 1962 (contos); *Campo geral*. 1964 (novela de *Corpo de baile*, com ilustrações de Djanira); Manuelzão e Miguilim. 1964 (novela); *No Urubuquaquá*, no *Pinhém*. 1965 (novela) ; *Noites do sertão*. 1965 (novela). (Estes três últimos livros são

desdobramentos de *Corpo de baile*); *Tutaméia* (terceiras estórias). 1967 (contos); *Estas estórias*. 1969 (contos); *Ave, palavra*. 1970 (conto); além de obras em colaboração: *O mistério dos MMM*. 1962; *Os Sete pecados capitais*. 1964; João *Guimarães Rosa*: correspondência com o tradutor italiano. 1972; *Saragana emotiva*: *cartas de João Guimarães Rosa a Paulo Dantas*. 1975. Suas obras têm sido largamente traduzidas para diversos outros idiomas.[14]

1.3 - *Grande Sertão: Veredas*

1.3.1 - Resumo de *Grande Sertão: Veredas*

Escrever sobre *Grande Sertão:Veredas* é uma tarefa árdua, pois sempre se corre o risco de tentar esgotar um viés do romance e apenas passar por outro. Aqui, pretendo apenas comentar alguns aspectos de Grande Sertão: Veredas que são considerados relevantes para a religiosidade brasileira.

A importância de religião para João Guimarães Rosa já foi exaltada várias vezes, tanto que Tristão de Ataíde afirma: Não é à-toa que Guimarães Rosa é profundamente religioso.[15]

Antes de apresentar *Grande Sertão: Veredas*, por meio de uma breve análise e de comentários escritos por intelectuais sobre a obra em questão, é necessário colocar o leitor a par do desenrolar dos fatos ocorridos no sertão. A seguir, um resumo do livro:

> O enredo do romance de Guimarães Rosa é simples. Joca Ramiro, chefe leal de um bando de jagunços, é vilmente assassinado por Hermógenes, um subordinado seu. Hermógenes se refugia num lugar de difícil acesso. Medeiro Vaz assume a chefia dos homens de Joca Ramiro. O novo cabeça persegue o traidor assassino. Não realiza o plano de vingança, porque é vencido pela natureza agreste. Medeiro Vaz é obrigado a retornar. A enfermidade, cujos sintomas o jagunço já vinha sentindo há mais tempo, se acentua e o leva à morte. Na falta de outro líder, assume a chefia Marcelino Pampa, a quem faltam às qualidades que a função exige. Em vista da situação melindrosa em que a morte de Medeiro Vaz os deixou, temem um ataque dos hermógenes. Reaparece em Zé Bebelo. Zé Bebelo devia um favor a Joca Ramiro. Fora tempos atrás derrotado pelo herói morto e por ele posto em liberdade. Em

[14] Cf. Afrânio COUTINHO, *A Literatura no Brasil*: Era Modernista, p. 475-476.
[15] Tristão de ATAÍDE, O Transrealismo de Guimarães Rosa, In: Eduardo COUTINHO, *Guimarães Rosa Seleção de Textos*, p. 143.

> sinal de gratidão, retorna para assumir a chefia e fazer guerra ao assassino. Não é melhor sucedido que Medeiro Vaz. Intrincheirado na fazenda dos Tucanos, é atacado diante do inimigo, pela força do governo. A posição é insustentável. É obrigado a retirar-se. A peste que grassa numa aldeia por onde passam o intimida. Zé Bebelo é atacado por uma indolência que irrita os homens. É então que Riobaldo resolve assumir a chefia do grupo. Ataca os hermógenes e com enormes baixas mata o assassino de Joca Ramiro. Morre também seu amigo, Diadorim. Só agora descobre que Diadorim era mulher. Riobaldo se retira da jagunçagem e se entrega a uma vida de devoção[16].

1.3.2 - Breve análise de *Grande Sertão: Veredas*

Esta análise passará pelos seguintes sub-itens: reflexão sertaneja de Tatarana, diálogo ou monólogo, Riobaldo narrador, heróis de Grande Sertão: Veredas, Riobaldo língua e sertão: um só, veredas na Internet e na televisão, cidade e campo, enfoque dado a Grande Sertão: Veredas na dissertaçao e alguns impactos da obra rosiana. Esses sub-itens foram escolhidos, pois a autora acredita que eles são relevantes para que o leitor tenha noção da amplitude que o romance de João Guimarães Rosa alcançou, desde seu lançamento e a importância que esse livro tem para a tentativa de compreensão do sincretismo religioso brasileiro.

1.3.2.1 - Reflexão Sertaneja de Tatarana

Grande Sertão: Veredas retrata o humano em um ambiente selvagem, ainda não conhecido por completo.

Riobaldo, ao longo de suas travessias, pessoais e coletivas busca compreender de que maneira sua existência foi se constituindo pelas veredas do sertão. Essa travessia não é fixada num espaço temporal delimitado. Essa noção temporal irregular reforça a idéia de busca pelo aprendizado-experiência-busca-de-identidade de Riobaldo[17] como sem fim. Tatarana conta ao leitor sua vida de maneira não cronológica.

Uma das formas que Riobaldo encontra para tentar entender a si mesmo é a religião. A relação de Tatarana com elementos considerados de transcendência religiosa é sempre reflexiva. Ele busca diversas crenças, isso é claro em um trecho da fala do personagem transcrita abaixo:

---

[16] Donaldo SCHULER, Grande Sertão: Veredas - Estudos, In: Eduardo COUTINHO, *Guimarães Rosa Seleção de Textos*, p. 361-362.

> Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemén, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista (...) Eu queria rezar o tempo todo.[18]

Ao refletir sobre o modo de contar de Tatarana, há perguntas que servem como panos de fundo para esta breve análise como: Grande Sertão: Veredas, diálogo ou monólogo? Riobaldo e o narrador de Grande Sertão: Veredas são um só? Os tópicos que são desenvolvidos, a seguir, pretendem responder a esses questionamentos.

1.3.2.2 - Diálogo ou monólogo

Grande Sertão: Veredas é iniciado com um travessão dando a idéia ao leitor de que, a longo do livro, um diálogo entre duas um mais personagens da história será estabelecido. Mas, o diálogo travado ocorre entre a personagem – universo interno à obra – e ao leitor – universo externo à obra.

Tatarana monologa para refletir sobre sua vida. O personagem cria sua fala para interrogar a si mesmo. Sobre essa interpelação e o processo de criação contido no livro, Nelly Novaes Coelho afirma:

> Em *Grande Sertão: Veredas*, a técnica identifica-se com a *criação*. De acordo com a abertura do "eu" para "nós" que iniciada pela ficção contemporânea, o processo do "monólogo interior" (que fecha a personagem no círculo de sua própria experiência, em sondagens introspectivas) amplia-se no "estilo dialogante" ou " interrogativo" (= um "eu" que dirige a um "tu" que permanece fora da narrativa), estilo que abre para o narrador o *espaço da reflexão* e da *liberdade criadora.*[19]

Por meio da fala de Urutu Branco, sabe-se que há um "doutor" escutando o que ele diz. Porém, em nenhum momento o doutor fala. O ouvinte é presente pelo

---

[17] José Aderaldo CASTELLO, *A Literatura Brasileira, Origens e Unidade*, vol II, p. 349.
[18] João Guimarães ROSA, *Grande Sertão: Veredas*, p. 8-9. Doravante, todas as citações do *Grande Sertão: Veredas* serão feitas com base nessa edição, apenas com a indicação da página, entre colchetes, depois das citações.

modo como Riobaldo narra sua saga e não pela fala. A travessia de Urutu Branco é feita em uma espécie de monólogo que se dá em voz alta. Sobre essa travessia sertaneja, Benedito Nunes afirma:

> O Grande Sertão de Guimarães Rosa, espaço mítico onde se desencadeia a luta entre o Bem e o Mal, inseparável das marchas e contramarchas do amor, recebe um nome definitivo: *travessia.*[20]

No tópico a seguir, será dada atenção especial à narrativa feita, por Tatarana, em *Grande Sertão: Veredas*.

1.3.2.3 - Riobaldo narrador

O modo pelo qual *Grande Sertão: Veredas* é escrito faz com que o narrador apenas registre o que Riobaldo diz; como se tomasse nota da fala do personagem, como se anotasse literalmente as palavras que saem da boca de Tatarana. Essa impressão de registro deve-se ao peculiar modo de falar de Riobaldo. O personagem usa um idioma, antes desconhecido pelo leitor, novo para preencher o Nonada. Esse idioma é inventado por João Guimarães Rosa.

Pode-se afirmar que, na boca de Riobaldo, brota uma nova língua. Nesse idioma, o narrador pode ser visto apenas como aquele que transcreve a fala da Tatarana. Essa forma de registro foi ressaltada por Afrânio Coutinho:

> A técnica de Guimarães Rosa é o ponto de vista interno absoluto, pois em vez de ser o autor quem faz o relato, pela palavra de um personagem, é o próprio personagem quem fala e conta, ficando o autor como um simples registrador do que ele diz. O personagem vive e conta a história, com a sua própria linguagem. É ele quem, na realidade, escreve o livro, e não o autor.[21]

---

[19] Nelly Novaes COELHO, Guimarães Rosa e o “Homo Ludens”, In: Eduardo COUTINHO, *Guimarães Rosa Seleção de Textos*, p. 260.
[20] Benedito NUNES, O Amor na obra de Guimarães Rosa, In: Eduardo COUTINHO, *Guimarães Rosa Seleção de Textos*, p.148.
[21] Afrânio COUTINHO, Duas anotações, In: Eduardo COUTINHO, *Guimarães Rosa Seleção de Textos*, p.291.

Na narrativa de Riobaldo estão presentes seus companheiros de batalha, suas amadas e seus inimigos. Só que todos aqueles aos quais Tatarana se refere mais detalhadamente, mostrando admiração são pessoas corajosas. Joca Ramiro e Medeiro Vaz são descritos como valorosos e sagazes, Zé Bebelo como bom articulador, Sêo Candelário como grande guerreiro, assim como Diadorim e tantos outros. O item a seguir tratará desses personagens, desses heróis.

1.3.2.4 - Heróis de *Grande Sertão: Veredas*

O sertão é o universo idealizado por João Guimarães Rosa por ser o ambiente no qual o humano tem a possibilidade de escrever todas as suas qualidades. O sertão testa e cobra do bicho humano atitudes rápidas e ações que, para serem bem sucedidas, devem sempre ter a coragem como fio condutor.

No livro *A Literatura no Brasil – Era Modernista*, na parte que trata da obra de João Guimarães Rosa, está contida a idéia de que os primeiros heróis literários brasileiros foram obras desse autor. Os personagens rosianos são heróis que carregam a sofrida luta pela existência em uma ambiente hostil; no qual só têm vez os coronéis latifundiários ou os jagunços valentes, muito mais próximos do povo que os fazendeiros. Sobre a importância desses heróis é fundamental o trecho abaixo:

> A vida heróica; o heroísmo como lei primeira da existência– como observou agudamente Afonso Arinos, no discurso de posse – , esse heroísmo tem, também um frêmito coletivo o do povo nas guerrilhas jagunças.[22]

As personagens rosianas são valentes, corajosas. Críticos como Eduardo Coutinho e Antônio Cândido afirmam que o alto valor dado à coragem em Grande Sertão: Veredas é feito, no sentido de operar a restauração do homem .

A valentia dos personagens de Grande Sertão: Veredas será aqui encarada, devido a leituras feitas pela autora de ensaios sobre o tema feitos por estudiosos como Eduardo Coutinho e Antônio Cândido, tal qual um valor que João Guimarães Rosa considera inato ao ser humano puro. O vocábulo puro é aqui utilizado para

---

[22] Afrânio COUTINHO, *A Literatura no Brasil*: Era Modernista, p. 482.

referir-se ao humano que João Guimarães Rosa julgava ser o ideal, com todos seus valores ampliados e explorados, ciente de sua realidade e de seus ideais. Esse humano rosiano não era infectado pela civilização que fragmenta e prostitui. Sobre essa busca pelo humano puro, Afrânio Coutinho afirma:

> Nesta volta ao primitivo , Rosa busca a afirmação de todas as potencialidades intrépidas do ser humano. Sua busca do primogênio é essencialmente busca do autêntico, no homem. Esta glorificação deliberada dos temperamentos genuínos é uma das formas do protesto guimarosiano contra a desinteração da vida humana, que se opera nos quadros da sociedade contemporânea. Os grande personagens rosiano não padecem da “”perda da realidade”, que gera revoltados, loucos, apáticos, suicidas, seres estilhaçados. São personagens que se apoderam da realidade, que agarram o destino pela garganta. Diadorim.[23]

Após abordar a coragem como característica inerente às personagens de João Guimarães Rosa, a fusão entre Riobaldo, língua e sertão será trabalhada, a seguir, de maneira metafórica.

1.3.2.5 - Riobaldo, língua e sertão: um só

Riobaldo é a representação do humano fundido no sertão, a representação dessa fusão é a lingua. Urutu Branco é a metáfora do ambiente agreste, rústico; mas, muitas vezes, belo e terno. Por isso mesmo, tanto o habitat como o bicho homem, são permeados por paradoxos, por mistérios. Humano e ambiente carregam o mistério de existir que ganha voz no idioma rosiano. Sobre essa redimensão intrigante, Castello afirma:

> O sertão redimensionado e seus oásis dos, ou melhor, nos “campos gerais”, se torna mistério e mito, com seus espaços sacralizados pela “travessia” de Riobaldo/Diadorim, metafisicamente debatida desde o início da obra.[24]

Esse mistério de existir é reconhecido pelo autor de *Grande Sertão: Veredas* em entrevista concedida a Gunter Lorenz. Tal idéia é presente na fala de João Guimarães Rosa apresentada a seguir:

---

[23] Afrânio COUTINHO, *A Literatura no Brasil*: Era Modernista, p. 516.

> A vida, a morte, tudo é, no fundo, paradoxo. Os paradoxos existem para que ainda se possa exprimir algo para o qual não existem palavras. Por isso, acho que um paradoxo bem formulado é mais importante que toda a matemática, pois ela própria é um paradoxo, porque cada fórmula que o homem pode empregar é um paradoxo.[25]

O trabalho mimético de *Grande Sertão: Veredas* não é uma reprodução, uma simples imitação. O trabalho de elaboração do sertão rosiano é constituído pela língua, criando formas mentais como o universo físico cria formas naturais, nomeando aquilo para o qual antes não havia palavras. Por isso, afirma-se que homem, natureza e língua são um só nesse romance.

É válido dizer que na relação entre Riobaldo, língua e sertão, a língua não é apenas um veículo, ela é o sertão. Humano, língua e sertão estão em constante movimento, sofrem alterações e influências externas. Além disso, vão deixando conhecer-se, pelo leitor, conforme a narrativa avança. Nessa travessia, a língua vai se solidificando e se constituindo para o expectador como um organismo vivo e em formação. Também em formação, conforme o livro segue, estão no nada o humano e o sertão.

Entrando em contato com informações sobre o romance de João Guimarães Rosa, é produtivo saber que esse livro é fonte de vários estudos publicados na Internet, além de ter virado uma minissérie da Rede Globo, na década de 80, do século passado. O tópico a seguir abordará esses desdobramentos da travessia rosiana.

1.3.2.6 - Veredas na Internet e na televisão

O sertão literário que tudo abarca foi publicado em 1956 e trouxe ao público uma revolução lingüística que assombra os *rosianos* até hoje. A curiosidade acerca do livro em questão é tamanha, que em um grande site de busca chamado Google[26],

---

[24] José Aderaldo CASTELLO, *A Literatura Brasileira, Origens e Unidade*, vol II, p. 350.
[25] Gunter LORENZ, Diálogo com Guimarães Rosa, In: Eduardo COUTINHO, *Guimarães Rosa Seleção de Textos,*s, p. 68.
[26] http://www.google.com. Acesso em: 21 ago 2005. A pesquisa foi realizada na Web como um todo, não somente buscando páginas registradas em português. Os vocábulos foram procurados sempre entre aspas.

no ano de 2005, aparecem 348.000 citações sobre o autor, 28.800 sobre G.S.V, 4.790 sobre Riobaldo e 7.130 sobre Diadorim, os dois últimos protagonistas do enredo. No dia 27 de fevereiro de 2007, no mesmo site citado anteriormente, a autora repetiu a busca feita há dois anos atrás. Dessa vez, foram encontradas 146.000 citações sobre João Guimarães Rosa, 605.000 sobre Guimarães Rosa, 164.000 sobre Grande Sertão Veredas, 53.500 sobre Riobaldo e 58.100 sobre Diadorim. E importante relembrar também a minissérie feita, pela Rede Globo, no ano de 1985, baseada em *Grande Sertão: Veredas*. O programa foi dirigido por Walter Avancini e estrelado por atores como Bruna Lombardi, Tony Ramos e Tarcísio Meira. Além disso, a adaptação do romance contou com Mario Lago como narrador e com a trilha sonora assinada por Julio Medaglia. A importância de Rosa é tanta, que, no ano de 1998, foi feito o I Seminário Internacional Guimarães Rosa, na PUC de Minas Gerais, o qual contou com a participação de 10 países. Artistas do peso de Mia Couto vieram ao Brasil participar deste acontecimento. No ano de 2001, foi feita a segunda edição do evento, do qual 14 países participaram. O sucesso foi tanto, que, em 2004, o feito foi repetido e parece que ainda o será por muitos anos, com largo apoio de estudantes e professores de várias partes do mundo que são fascinados por esse autor.

Quando os dados do parágrafo acima são examinados, é pertinente se perguntar do que *Grande Sertão: Veredas* trata. Por que eruditos do peso de Antônio Cândido dentre outros, se deram ao trabalho de refletir publicamente e de maneira tão profunda sobre esse livro? Uma resposta possível a essas perguntas é a multiplicidade, atributo literário sobre o qual Ítalo Calvino discorre em Seis Propostas para o Novo Milênio. A Multiplicidade será abordada aqui em um momento posterior do segundo capítulo. Por ora, segue apenas uma definição sobre a mesma, à luz de Calvino.

> Exige que tudo seja exatamente denominado, descrito e localizado no espaço e no tempo. Isso ocorre mediante a exploração do potencial semântico das palavras, de toda a variedade de formas verbais e sintáticas, com suas conotações e coloridos e efeitos o mais das vezes cômicos que seu relacionamento comporta.[27]

[27] Ítalo CALVINO, *Seis Propostas para o Novo Milênio*, p. 123.

Tomando o significado da palavra multiplicidade em um contexto mais geral pode-se dizer que *Grande Sertão: Veredas* é múltiplo por unir, em sua escrita, o ambiente rural e o citadino. O tópico a seguir tratará dessa união.

1.3.2.7 - Cidade e Campo

Os abismos existentes entre o ambiente campestre e o citadino sempre foram acusados como uns dos causadores de falta de homogeneidade no solo brasileiro. As diferenças entre a cultura agrária e a metrópole são vistas como negativas, como fatores de desigualdade social.

O cidadão urbana tem acesso à indústria, a educação; já uma pessoa do interior vive restrita a um universo pouco provido de cultura e conhecimento acadêmico. A extensão territorial deste país e a desigualdade de distribuição de renda, sempre serviram de temática a discussões em vários âmbitos da sociedade, como o meio acadêmico.

A literatura, sendo um campo de conhecimento, também se dispõem, muitas vezes, a "estudar" o ambiente agrário e o citadino, a especular como unir esses dois universos dotados de desigualdades econômicas e culturais.

> A afirmação e o desenvolvimento da literatura brasileira, como de todas as manifestações da cultura de nossa gente, estão indissoluvelmente associados a tudo o que se afirmar como de conteúdo nacional e popular.[28]

De certa maneira, João Guimarães Rosa faz isso em Grande *Sertão: Veredas*, pois, ao transformar a fala do jagunço Riobaldo em uma fala sábia, reflexiva e culta, o autor dá ao personagem rural características de um homem da cidade; culto e esclarecido. Ao mesmo tempo, destaca as características positivas e rurais de Riobaldo e seus companheiros. Tatarana atira bem, é bom cavaleiro e é grande conhecedor das veredas do sertão; essas características são rurais. De outro lado, Urutu Branco possui o dom de oratória, é durante um tempo, professor, e é muito reflexivo; esses atributos são típicos de um homem que vive em áreas urbanas.

---

[28] Nelson Werneck SODRÉ, *História da Literatura Brasileira*, p. 666.

Características urbanas e características rurais do personagem de Grande *Sertão: Veredas* foram expostas acima para ressaltar que Riobaldo funde o mundo arcaico e rural e o mundo metropolitano. Tatarana representa, metaforicamente, a união do Brasil agrário e do Brasil citadino. Ou seja, ele é na ficção o que o brasileiro, na realidade, deveria ser: humano que abriga o campo e a cidade e tira vantagem desses dois universos para viver em harmonia consigo mesmo e dentro da sociedade, explorando todas suas potencialidades. E este é o elemento principal para o autor: a visão do humano.

Riobaldo é revolucionário por ser a síntese do humano ideal, utópico e literário. João Guimarães Rosa faz na literatura o que não há na realidade. Sua arte já é suficientemente grandiosa e dotada de força para que seja considerada eterna e vanguardista.

> Os caminhos que conduzem à liberdade passam pelo território da beleza, alça a crítica da vida feita pela arte à condição de poder revolucionário sem precedentes. A revolução é, antes de tudo, um ato de poesia.[29]

O romance de Guimarães Rosa foi tratado acima como uma obra sem precedentes na história da literatura brasileira. Para dar idéia ao leitor do que a obra rosiana causou no meio literário, à época de seu lançamento, é preciso traçar um panorama geral desse quadro. O tópico a seguir especulará as críticas e opiniões feitas acerca de *Grande Sertão: Veredas* e seu autor, e apresentará, de maneira mais detalhada, o enfoque dado à obra nesta dissertação.

1.3.2.8 - Alguns impactos da obra rosiana

Quando o sertão, que é o mundo, foi feito por João Guimarães Rosa, a intelectualidade brasileira se manifestou diante daquela novidade, mas não de maneira uniforme. Nem todas as opiniões foram positivas. Em março de 2006, a *Revista Bravo* fez uma matéria sobre esse tema.

Um dos aspectos abordados na reportagem em questão eram as discordâncias em torno do sertão rosiano. A polêmica ao redor de *Grande Sertão:*

---

[29] Afrânio COUTINHO, *A Literatura no Brasil*: Era Modernista, p. 523.

Veredas é compreensível, pois, como disse Vilém Flusser, Rosa se apoiava tanto no sertão quanto na biblioteca[30] .

Aqui, o romance em questão, é tratado como uma obra Universal; que ultrapassa o regionalismo e se perpetua como um símbolo da cultura brasileira e mestiça. Além disso, *Grande Sertão: Veredas* avança sobre as fronteiras geográficas e temporais, criando um novo idioma que pode ser lido como uma metáfora da existência humana. Afirma-se:

> "O Sertão", dizia Rosa, "é dentro da gente".[31]

Na matéria em questão, Jorge Coli vai contra a corrente que afirma a universalidade do idioma rosiano. Já a professora Walnice Nogueira Galvão é partidária de *Grande Sertão: Veredas* como uma obra que apresenta uma revolução estilística. Abaixo segue trecho da referida matéria:

> À primeira vista, parece mais um romance da chamada escola regionalista. Não é bem assim. A professora Walnice Nogueira Galvão, da Universidade de São Paulo, lembra que Rosa não gostava dos regionalistas. Para ela, Grande Sertão é o ápice de um "projeto" antigo na literatura brasileira, que visava encontrar uma língua escrita que pudesse traduzir melhor a realidade do país. Projeto que teria começado em Manuel Antônio de Almeida e José de Alencar, nos século 19, retornaria com força positiva em Mário de Andrade, se reforçaria com os regionalistas nordestinos da década de 1930 e culminaria na obra-prima do mineiro.
>
> Já Jorge Coli, historiador de arte da Unicamp, não acredita na linha evolutiva defendida por Walnice, embora concorde em desvincular Grande Sertão do regionalismo. "Mário de Andrade queria sua obra como uma síntese de brasilidade. Guimarães Rosa serve-se de uma língua muito singular e pessoal, rica também em neologismo. E termos raros, eruditos. Ela serve admiravelmente ao autor, mas apenas a ele e a mais ninguém.[32]

Discussões em torno do processo de criação estilística de João Guimarães Rosa foram presentes desde a publicação de Sagarana. Aqui, algumas opiniões de críticos e estudiosos renomados sobre esse tema serão apresentadas para situar o

---

[30] Cf. André NIGRI, André; João Pombo BARIL, O nome da Rosa, *Bravo*, p. 22-34.
[31] *Ibid.,* p. 30.
[32] *Ibid.,* p. 26.

leitor quanto à repercurssão da obra rosiana. Entretanto, nesta dissertação João Guimarães Rosa será tratado como um escritor que criou um novo idioma.

As críticas a *Grande Sertão: Veredas* foram feitas não só por acadêmicos como também por renomados escritores brasileiros. Graciliano Ramos atentava para a dificuldade de leitura do romance.

> Graciliano Ramos, dos primeiros a lhe notar o valor mas também a situar a característica que se tornaria predominante, lembrava "certa dissipação naturalista" nele, exemplificando com o "movimentar uma boiada com vinte adjetivos mais ou menos desconhecidos do leitor" rematando: "A arte de Rosa é terrivelmente difícil".[33]

De início, era comum a crítica, de maneira geral, notar primeiro a língua rosiana do que os temas trabalhados por essa língua. Ainda que as opiniões sobre a obra fossem positivas, elas pendiam sempre a ressaltar o aspecto lingüístico de *Grande Sertão: Veredas*. De um modo ou de outro, João Guimarães Rosa tinha um olhar de ressalva sobre os críticos.

> No começo de minha carreira vários deles me atacaram sem absolutamente me compreenderem, pois me lançavam ao rosto que me estilo era exaltado, que eu permanecia no irreal, e assim todo espécie de retórica. Não é possível dialogar com pessoas que manifestam por escrito a sua incompetência, pois lhes falta a condição básica para o diálogo: o respeito mútuo.[34]

João Guimarães Rosa, apesar das críticas, seguiu sua vida fazendo literatura e encarando seu ofício de escritor como uma missão sobre a qual precisaria ser inteiramente dedicado. Ele acreditava que a escrita devia ser feita com prazer; Emir Rodriguez Monegal atenta para essa visão de João Guimarães Rosa sobre o ato de escrever.

> Falava com um carinho temperado pelo decoro e por uma convicção, muito funda, de que o verdadeiro gozo de escrever não está jamais no aplauso recebido, mas no próprio ato de escrever. Ao falar dessa experiência, ele a revive. Quando planeja um relato ou um romance, começa sempre pela moldura, a paisagem, que invariavelmente é a de sua Minas natal; em

---

[33] Nelson Werneck SODRÉ, *História da Literatura Brasileira*, p. 658.

[34] Gunter LORENZ, Diálogo com Guimarães Rosa, In: Eduardo COUTINHO, *Guimarães Rosa Seleção de Textos*, p. 75.

> seguida trabalha o argumento que lhe permitirá revelar os aspectos psicológicos de seus personagens. Tudo isso é, para ele, apenas um aspecto, uma parte escrita, já que no centro de suas narrações busca sempre expressar algo ético, algo transcedente.[35]

Quando Emir Rodriguez Monegal ressalta o caráter transcendente de *Grande Sertão: Veredas* é correto afirmar que grande parte desse caráter é moldado, dessa maneira, pelos diversos simbolismos e caminhos que o leitor pode percorrer na leitura do romance. Essa transcendência é oriunda da pluralidade que a escrita rosiana dá ao sertão.

> *Sertão* – realidade geográfica , realidade social, realidade política, dimensão folclórica, dimensão psicológica conectada com o subconsciente humano, dimensão metafísica apontando para as surpreendentes virtualidades demoníacas da lama humana, dimensão ontológica referida à solidão existencial – infinitas possibilidades significativas.[36]

Ao longo do tempo, obra e escritor foram ganhando adeptos de seus neologismos, de sua metafísica mineira. Sendo assim, *Grande Sertão: Veredas* passou a ser visto por vários ângulos, inclusive como um Fausto sertanejo.

Após apresentar *Grande Sertão: Veredas* e João Guimarães Rosa ao leitor, este capítulo não teve, de maneira alguma, o objetivo de exaurir as informações sobre o escritor e a obra em questão. Mesmo porque, tamanha pretensão seria pueril e impossível de ser feita em apenas um capítulo de um trabalho de mestrado. O objetivo deste capítulo foi tentar situar o leitor de maneira adequada frente a *Grande Sertão: Veredas*, para que a utilização desse livro como instrumento de análise do sincretismo religioso brasileiro seja melhor compreendido. Sendo assim, ao final deste capítulo, é preciso deixar claro que o instrumento de análise do sincretismo religioso brasileiro será tratado à luz da opinião de Bento Prado Jr sobre o romance:

> Grande Sertão: Veredas não segue um modelo; possui o alcance e a força dos grandes poemas épicos e a eles pode ser comparado. (...) João

---

[35] Emir Rodriguez MONEGAL, Em busca de Guimarães Rosa, In: Eduardo COUTINHO, *Guimarães Rosa Seleção de Textos*, p. 51.
[36] Afrânio COUTINHO, *A Literatura no Brasil*: Era Modernista, p. 478.

> Guimarães Rosa funde admiravelmente os elementos folclóricos e populares com um refinado e sofisticado repertório erudito.[37]

O capítulo, a seguir, dará enfoque a importantes atributos literários contidos em *Grande Sertão: Veredas*, a relação da literatura com a realidade e a multiplicidade dos estudos feitos sobre a obra rosiana.

[37] André NIGRI, André; João Pombo BARIL, O nome da Rosa, *Bravo*, p. 30.

2 - O sertão religioso e o sertão literário de João Guimarães Rosa

Neste capítulo serão abordados os seguintes tópicos: Valores literários segundo Ítalo Calvino: Leveza, Rapidez, Exatidão, Visibilidade, Multiplicidade; Literatura e realidade e Multiplicidade dos Estudos Rosianos.

Como a *ferramenta* utilizada para a dissertação defendida no programa de Ciências da Religião será um romance, torna-se pertinente definir, de maneira sucinta, quais os conceitos de Literatura que serão levados em conta.

O livro *Seis Propostas para o Novo Milênio*, de Ítalo Calvino, aborda os valores literários indispensáveis a sobrevivência do livro ao longo deste milênio. Para que a realidade interna seja verossímil, é preciso que ela tenha, segundo Calvino, os atributos que serão elencados nos tópicos que vêm a seguir.

João Guimarães Rosa, fazendo Literatura, está na galeria dos escritores que atingiram o Universal. Universal aqui deve ser visto como a capacidade que uma obra literária tem de atingir diversos povos, de diferentes culturas que, muitas vezes, não compartilham o mesmo momento histórico. *Grande Sertão: Veredas* é um livro plural, pois possui leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade. Segundo Ítalo Calvino, essas são as características fundamentais para que um livro resista à passagem do tempo; seja esse de poesia ou prosa[38].

Aqui serão dados, de maneira breve, indícios de que o romance em questão possui esses atributos que Calvino considera essenciais em uma grande obra literária.

O tópico literatura e realidade será construído, porque o pano de fundo desta dissertação gira ao redor da relação metafórica existente entre o sincretismo religioso de *Grande Sertão: Veredas* e o sincretismo religioso do povo brasileiro.

Multiplicidade dos estudos rosianos é um tópico que apresenta alguns estudos que abordam a produção literária de João Guimarães Rosa. Este tópico

[38] A distinção entre poesia e prosa não será considerada dado a proximidade entre essas duas formas de escrever na obra de João Guimarães Rosa.

tenta dar ao leitor um breve panorama sobre a multiplicidade dos estudos feitos sobre *Grande Sertão: Veredas* e seu autor.

2.1 - Valores literários segundo Ítalo Calvino

2.1.1 - Leveza

Segundo Calvino, há coisas que só a literatura com seus meios específicos nos pode dar[39] . Uma dessas "coisas" é a leveza. Esta,é entendida como:

> ... algo que se cria no processo de escrever, com os meios lingüísticos próprios do poeta, independentemente da doutrina filosófica que este pretende seguir de maneira mais branda (...)
>
> ... a leveza do pensamento pode fazer a frivolidade parecer pesada e opaca. [40]

Fazendo uso de seus meios lingüísticos João Guimarães Rosa criou, em *Grande Sertão: Veredas*, um idioma novo e leve.

No livro *Seis Propostas para o Novo Milênio,* Ítalo Calvino afirma que *a* leveza está associada a precisão e determinação[41]. Ora, a precisão e a determinação da escrita de João Guimarães Rosa são tantas, que ele cria sua língua fazendo uso de outros idiomas, de regionalismos e do português arcaico; como exemplo de uma criação rosiana segue vocábulo extraído de O Léxico de Guimarães Rosa:

> **Delém.** *Quase que a gente não abria a boca: mas era um delem que me tirava para ele* (GSV, 25/27). / ND. Atração, sentimento amoroso. // Neol. Do A., prov. Var. de **dlém**, onom. de sino. [O toque do sino é frequentemente comparado ao bater do coração. (Cf. a quadrinha do poeta port. Antônio Correia de Oliveira: *Sino – coração da aldeia / coração – sino da gente. / Um a sentir quando bate, / outro a bater quando sente*)]. F. Utéza, estudando o passo em que aparece o voc., diz que a presença de Diadorim adquire a força de um ímã, e nota do neol. **Delém** um eco de **delícia,** da raiz lat. de **delinio**, 'encantar ' , 'amenizar', 'apaziguar' (**Metafísica do Grande Sertão,** p. 354). (V.**BADALADAL** e o título do conto "Dão-lalalão", de NS.).[42]

---

[39] Ítalo CALVINO, *Seis Propostas para o Novo Milênio*, p. 24.
[40] *Ibid.,* p. 22.
[41] *Ibid.,* p. 28.

A busca pela falta de peso entremeia o diálogo de Riobaldo com o homem da cidade durante todo o livro. Riobaldo *fala* com o outro para aliviar o fardo de tudo o que passou até ali; ao contar sua vida ao doutor da cidade, o ex-chefe de jagunços faz uma reflexão em voz alta. *O que muito lhe agradeço é sua fineza de atenção*.[43] Fazendo com que o outro conheça seu pensamento, ele dá leveza ao texto. Essa, está ligada à rapidez, atributo literário que será abordado no sub tópico seguinte.

2.1.2 - Rapidez

Segundo Calvino uma escrita dotada de rapidez deve levar em conta dois tipos de tempo:

> O tempo de Mercúrio e o tempo de Vulcano, uma mensagem de imediatismo obtida à força de pacientes e minuciosos ajustamentos; uma intuição instantânea que apenas formulada adquire o caráter definitivo daquilo que não poderia ser de outra forma; mas igualmente o tempo que flui sem outro intento que o deixar as idéias e sentimentos se sedimentarem, amadurecerem, libertarem-se de toda impaciência e de toda contingência efêmera.[44]

Levando em conta que Mercúrio e Vulcano foram invocados por Calvino é necessário apresentar esses deuses de mitologia romana ao leitor. Mercúrio, além de ser o planeta mais próximo do sol, é o deus de pés alados; o mensageiro oficial do Olimpo. Vulcano, o Deus coxo, é especialista nas artes do fogo, cria as armas dos outros deuses e é considerado o deus dos metais. Apesar de seu andar traulitrante, por ser manco de ambas as pernas, coleciona inúmeros sucessos amorosos. Vulcano dá movimento, rapidez aos metais.

Tendo em mente Mercúrio e Vulcano, devemos falar da rapidez de *Grande Sertão: Veredas*, devemos falar do tempo. É preciso cuidado ao se tratar desta questão.

No que se refere à rapidez, o único romance de João Guimarães Rosa é riquíssimo. A narrativa é construída de maneira ininterrupta. O desejo de expiação causa a impressão de ansiedade e desespero no protagonista, que é também

---

[42] Nilce San`Anna MARTINS, O Léxico de Guimarães Rosa, p. 151.
[43] João GUIMARÃES ROSA, *Grande Sertão: Veredas*, p. 84.

narrador da história; para reforçar a ânsia de purificação, a pontuação utilizada pelo autor vem da oralidade, não da escrita; também por causa disso, não há divisão clara e convencional de capítulos.

> Dúv'do? Desavistei foi na mente, não foi dos olhos. Como que o avio de descangar as armas de sobre mim e as cartucheiras, e o vagar de tirar a roupa e remolhar os pulsos, e fazer menção para entrar na água com conforto – essas ações tiravam conta do meu estar, comum alívio de sossego. Eu tinha a certeza de paz, por horas. E o demo me disse? Disse; mas foi assim: tiros![45]

Apesar do livro de Guimarães Rosa ter passagens que poderiam ter acontecido no universo não literário, não há como estabelecer uma relação direta entre a marcação temporal do romance e o período histórico no qual o enredo poderia ter ocorrido, caso *Grande Sertão: Veredas* fizesse parte do mundo real e não do mundo da Arte. Entretanto, há passagens do romance que poderiam ter acontecido na realidade. Essas hipóteses dão rapidez à obra. Pois, o vínculo entre a realidade e a literatura é estabelecido na cabeça do leitor

Não há uma organização seqüencial clara no modo como Riobaldo conversa com seu ouvinte. Ele avança a narrativa ao sabor da memória; ora conversando com o doutor da cidade, ora regressando ao passado remoto no qual era menino, ora, mergulhando nas guerras que venceu como jagunço. Esse modo de narrar causa curiosidade no leitor e dá agilidade às ações do romance, mantêm *aceso o desejo de ouvir o resto*[46]. Além disso, o fato do "diálogo" se dar entre um ex-jagunço e um senhor culto " de fora" dá mobilidade ao romance. A desenvoltura se faz presente na obra, quando a metrópole e o universo agrário são, metaforicamente, unidos por meio de Riobaldo e de seu convidado. A fala de Tatarana, abaixo, deixa essa ligação clara:

> Depois, quinta de-manhã-cedo, o senhor querendo ir, então vai, mesmo me deixa sentindo sua falta. Mas, hoje ou amanhã, não. Visita, aqui em casa, comigo, é por três dias![47]

---

[44] Ítalo CALVINO, *Seis Propostas para o Novo Milênio*, p. 66.
[45] João GUIMARÃES ROSA, *Grande Sertão: Veredas*, p. 512.
[46] Ítalo CALVINO, *Seis Propostas para o Novo Milênio*, p. 51.
[47] João GUIMARÃES ROSA, *Grande Sertão: Veredas,* p. 17.

Urutu Branco mistura episódios que ocorrem em diferentes momentos de sua vida. Essa mistura deixa a escrita de *Grande Sertão: Veredas* veloz. Sobre o "ir e vir" no processo de criação literária Calvino afirma:

> ... mobilidade, desenvoltura, qualidades essas que se combinam com uma escrita propensa às divagações, a saltar de um assunto para outro, a perder o fio do relato para reencontrá-lo ao fim de inumeráveis circunlóquios.[48]

Segundo Braga Montenegro, no artigo Guimarães Rosa, novelista, essa "desordem", esse "ir e vir" rápido e saboroso de *Grande Sertão: Veredas* vem das novelas.

> Note-se que em sua teoria de raconto elementar, Riobaldo, por assim dizer, não narra nem descreve – monologa, fala para dentro de si, como um pesadelo incessante. E a ação da estória, em sua trama central, vai-se desenrolando, com idas e vindas, ao sabor das recordações, com interpolações arbitrárias de peripécias acessórias, num fluir sinuoso, os fatos recentes antecipando-se aos mais remotos sem qualquer disciplina cronológica, exceto o episódio revelador do verdadeiro sexo de Diadorim, o que ficaria para o remate espetacular de toda uma soma de instigações psicológicas, de mistérios e premonições sensíveis na pessoa do herói, para o final da cadeia narrativa, tal como ocorre com a teoria dos eventos novelescos.[49]

A falta de ordem que o leitor acompanha em *Grande Sertão: Veredas* é clara também para Riobaldo. Ele "confessa" que avança e recua, como bem quer:

> Ai, arre, mas: que esta minha boca não tem ordem nenhuma.[50]

A rapidez presente em *Grande Sertão: Veredas* faz parte, segundo Emir Rodriguez Monegal, do modo que o leitor é cativado pela obra rosiana. Acerca disso, discorre.

---

[48] Ítalo CALVINO, *Seis Propostas para o Novo Milênio*, p. 59.
[49] Braga MONTENEGRO, Guimarães Rosa, Novelista, In: Eduardo COUTINHO, *Guimarães Rosa Seleção de textos,* p. 276.
[50] João GUIMARÃES ROSA, *Grande Sertão: Veredas,* p. 13.

> É muito difícil, se já se começou a vislumbrar o mágico mundo de João Guimarães Rosa, não converter-se em adicto seu. É como Kafka, ou como Borges: apenas uma frase deles entra em nosso sistema circulatório, estamos perdidos. Nada podemos fazer a não ser pedir mais, buscar mais, conseguir mais.[51]

No momento em que Zé Bebelo, inimigo[52] de Joca Ramiro, é julgado pelo bando de jagunços, a agilidade também está presente.

> Pode ter crime para o Governo, para delegado e juiz-de-direito, para tenente de soldados. Mas a gente é sertanejos, ou não é sertanejos? Ele quis vir guerrear, veio – achou guerreiros! Nós não somos gente de guerra? Agora, ele escopou e perdeu, está aqui, debaixo de julgamento.[53]

A fala acima é de Titão Passos, um dos homens de confiança de Joca Ramiro. A fala da personagem em questão é carregada de mobilidade por definir, em apenas quatro linhas, a separação entre o Estado e o povo sertanejo, gente de guerra do bando de Joca Ramiro. O personagem, rapidamente, deixa claro que, entre jagunços, as únicas leis que valem são as criadas por eles. Tal desapego à burocracia vigente só é possível no universo literário. Titão Passos expõe seu ponto de vista de maneira veloz, com exatidão. O sub tópico a seguir abordará a exatidão presente em *Grande Sertão: Veredas.*

2.1.3 - Exatidão

A definição de exatidão, para Calvino, encaixa-se perfeitamente no romance de João Guimarães Rosa. Calvino definia exatidão como:

---

[51] Emir Rodriguez MONEGAL, Em busca de Guimarães Rosa, In: Eduardo COUTINHO, *Guimarães Rosa Seleção de textos,* p. 48.

[52] Neste julgamento, fica decidido que o acusado deve ser banido da região comandada por Joca Ramiro enquanto este for vivo ou der contra-ordem. Zé Bebelo aceita sua sentença e dá sua palavra de que voltará ao sertão, caso seja necessário, se Joca Ramiro e seu bando precisarem dele. Ambas as partes consideram o julgamento justo. Tanto que, em um momento posterior, quando Joca Ramiro é assassinado, Zé Bebelo volta àquelas terras com seus homens para chefiar e lutar ao lado do grupo de seu ex-inimigo.

[53] João GUIMARÃES ROSA, *Grande Sertão: Veredas*, p. 235.

> 1) um projeto de obra bem definido e calculado;
>
> 2) a evocação de imagens visuais nítidas, incisivas, memoráveis; temos em italiano um adjetivo que não existe em inglês, “icastico”
>
> 3) uma linguagem que seja mais precisa possível como léxico e em sua capacidade de traduzir as nuanças do pensamento e da imaginação.[54]

Na obra rosiana, a exatidão vem da linguagem que Guimarães Rosa cria e do conhecimento que o escritor demonstra ter sobre a fauna e a flora de Minas Gerais.

O autor, nascido em Cordisburgo, escolheu aquela região para situar sua obra, não só por ser a terra na qual nasceu, como pelo apreço que ele tinha sobre as histórias, os costumes e as pessoas do lugar. *Grande Sertão: Veredas* foi publicado em 1956, mas, em uma das muitas cartas, anteriores ao lançamento de seu romance, que Rosa enviou ao seu pai, já é claro o interesse pela rústica atmosfera mineira. O trecho abaixo é datado do ano de 1947.

> Também, sempre que se lembrar de cantigas ou expressões sertanejas legítimas, ouvidas de caipiras nossos, de Cordisburgo ou Gustavo da Silveira. E tudo o que se refira a vacas e bezerros. Estou escrevendo outros livros. Lembro-me de muitas coisas interessantes, tenho muitas notas tomadas, e muitas outras coisas eu crio ou invento, por imaginação. Mas uma expressão, cantiga ou frase, legítima, original, com força de verdade e autenticidade, que vem da origem, é como uma pedrinha de ouro, com valor enorme. Desde já, muito agradeço o que o senhor conseguir. Mas, não conte a outras pessoas, para que eu possa usá-las em primeira mão.[55]

Guimarães Rosa buscava, incessantemente, a exatidão, corrigindo diversas vezes aquilo que escrevia. Em 1945, quando percorreu o sertão mineiro, em uma comitiva, levava um bloquinho de anotações amarrado ao pescoço, registrando tudo aquilo que julgava ser útil na criação de seu próprio léxico.

O conhecimento, que o escritor tinha de diversas línguas e a paixão pelo português o ajudaram a criar o idioma do sertão. Para ele, a língua era um instrumento de conhecimento que, quando não oferecia o nome adequado àquilo que seria nomeado, deveria criá-lo para que alcançasse a maior exatidão possível.

---

[54] Ítalo CALVINO, *Seis Propostas para o Novo Milênio*, p. 71-72.
[55] Vilma Guimarães ROSA, *Relembramentos:* João Guimarães Rosa, meu Pai, p. 183.

Tratando da exatidão em torno da palavra rosiana, é necessário comentar o passional texto de Afrânio Coutinho[56]. O autor afirma que a observação sobre a obra de Guimarães Rosa não pode ser feita só do ponto de vista formal. É fato que a palavra se torna, em *Grande Sertão: Veredas*, um plurissigno. Só que também é claro, segundo Coutinho, que o universo humano é recriado naquelas veredas. Ora, partindo do princípio que Afrânio Coutinho está correto, essa recriação do universo humano só é possível quando há exatidão na língua. Essa só existe quando o escritor assume-se como um criador. Sobre isso, Coutinho afirma:

> ... a obra de Rosa, para quem a saiba ler, é um ato que busca a santidade do homem[57].

João Guimarães Rosa colocava-se como um trabalhador esforçado perante a língua, como alguém que superava obstáculos para atingir a exatidão lingüística almejada. Essa exatidão podia ser alcançada via criação. Sobre seu método de escrita João Guimarães Rosa afirmava:

> O homem ao dizer: eu quero, eu posso, eu devo, ao impor isso a si mesmo, domina a realidade da criação. Eu procedo assim, como um cientista que também não avança simplesmente com a fé e com pensamentos agradáveis a Deus. Nós, o cientista e eu, devemos encarar a Deus e o infinito, pedir-lhes contas,e, quando necessário, corrigi-los também, se quisermos ajudar o homem. Seu método é meu método. O bem estar do homem depende do descobrimento do soro contra varíola e as picadas de cobras, mas também depende de que ele devolva à palavra seu sentido original. Meditando sobre a palavra, ele se descobre a si mesmo. Com isto repete o processo da criação. Disseram-me que isto era blasfemo, mas eu sustento o contrário. Sim! A língua dá ao escritor a possibilidade de servir a Deus corrigindo-o, de servir ao homem e de vencer o diabo, inimigo de Deus e do homem. A impiedade e a desumanidade podem ser reconhecidas na língua. Quem se sente responsável pela palavra ajuda o homem a vencer o mal.[58]

No trecho acima, João Guimarães Rosa deixa claro que a palavra é, para ele, um instrumento de combate. Para que essa “arma” seja útil, é preciso que ela

---

[56] Cf. Afrânio COUTINHO, *A Literatura no Brasil*: Era Modernista.
[57] *Ibid*., p. 482.
[58] Gunter LORENZ, Diálogo com Guimarães Rosa, In: Eduardo COUTINHO, *Guimarães Rosa Seleção de textos,* p. 83-84.

possua não só leveza, rapidez e exatidão, como também visibilidade. Este será o tema do sub tópico que vem a seguir.

2.1.4 - Visibilidade

Para Calvino, a visibilidade é uma característica da literatura que não deve ser perdida, porque ela faz o cérebro raciocinar por meio de imagens. Ítalo Calvino afirma:

> A capacidade de pôr em foco visões de olhos fechados, de fazer brotar cores e formas de um alinhamento de caracteres alfabéticos negros sobre uma página branca, de *pensar* por imagens.[59]

A escrita de Guimarães Rosa em *Grande Sertão:Veredas* é dotada de visibilidade, ou seja, ela tem a capacidade de, por meio da escrita, lançar uma imagem visual na cabeça do leitor. A esse recurso da escrita, Ezra Pound, em o ABC da Literatura, dá o nome de *fanopéia* "palavra para lançar uma imagem visual na imaginação do leitor "[60]

Essas imagens visuais são denominadas, por Augusto de Campos, com um vocabulário oriundo do cinema. Isso é claro no artigo Um lance de "Dês" do Grande Sertão. Segue trecho:

> Tomando de empréstimo a terminologia cinematográfica, pode-se-ia dizer que Guimarães Rosa se utiliza de *flash-backs* e *travelings* para incursões em tempos e espaços diversos daqueles em que se situa o personagem-narrador (Riobaldo).[61]

Segundo Ezra Pound in Decio Pignatari, a classificação dos poemas se apresenta em três tipos fundamentais:

---

[59] Ítalo CALVINO, *Seis Propostas para o Novo Milênio*, p. 108.
[60] Ezra POUND, *ABC da Literatura*, P. 41.
[61] Augusto de CAMPOS, Um lance de "Dês" do Grande Sertão, In: Eduardo COUTINHO, *Guimarães Rosa Seleção de textos,* p. 237.

> 1-) aqueles em que predomina a *fanopéia:* imagens, comparações metáforas;
>
> 2-)aqueles em que predomina a *melopéia:* música, mesmo dissonante ou antímúsica;
>
> 3-) aqueles em que predomina a *logopéia:* "dança das idéias entre palavras".[62]

A visibilidade ou fanopéia é nítida no trecho em que Riobaldo descreve o pacto com o diabo.

> O pacto! Se diz – o senhor sabe. Bobéia. Ao que a pessoa vai, em meia-noite, a uma encruzilhada, e chama fortemente o Cujo – e espera. Se sendo, há-de quem vem um pé-de-vento, sem razão, e arre se comparece uma porca com ninhada de pintos, se não for uma galinha puxando barrigada de leitões. Tudo errado, remedante, sem completação....O senhor imaginalmente percebe? O crespo – a gente se retêm – então dá um cheiro de breu queimado. E o dito – o Coxo – toma espécie, se forma! Carece de se conservar coragem. Se assina o pacto. Se assina com sangue de pessoa. O pagar é a alma. Muito mais depois.[63]

Após ter discorrido sobre leveza, rapidez, exatidão e visibilidade é chegada a hora de falar da multiplicidade. Talvez, esse seja o valor literário mais fácil de ser percebido em *Grande Sertão: Veredas*. A seguir o sub tópico multiplicidade.

2.1.5 - Multiplicidade

Ao correr os olhos por Seis Propostas para o Novo Milênio, no capítulo sobre a multiplicidade, o leitor depara-se com atributos que todas as obras da boa literatura mundial devem conter, o último deles é a multiplicidade. Tratando desse valor literário, Calvino afima que:

> A literatura só pode viver se se propõe a objetivos desmesurados, até mesmo para além de suas possibilidades de realização (...) No momento em que a ciência desconfia das explicações gerais e das soluções que não sejam setoriais e especialísticas, o grande desafio para literatura é o de saber tecer

---

[62] Décio PIGNATARI, *O que é Comunicação Poética*, p. 37.
[63] João GUIMARÃES ROSA, *Grande Sertão: Veredas*, p. 37.

> em conjunto os diversos saberes e os diversos códigos numa visão pluralística e multifacetada do mundo.[64]

O romance em questão não só tece um novo português como trata de amor, de guerras a serem ganhas e batalhas que foram perdidas, dentro do humano e por ele construídas, muitas vezes destruídas também. O livro insere o ledor em um universo arcaico não situado especificamente no tempo e no espaço. O leitor é levado a uma região agreste imaginária, a um território de todos, da pujança da natureza, do profano e do sagrado. Como o narrador afirma:

> O sertão está em toda parte. [65]

E estando em toda parte, esse sertão é múltiplo, uma realidade literária aberta que é explorada em todas suas potencialidades e permite que o humano se explore em todos seus vieses. *Grande Sertão: Veredas* pode, segundo as idéias de Calvino, ser considerado um romance enciclopédia. Sobre obras dessa magnitude, Ítalo Calvino afirma:

> O que toma forma nos grandes romances do séc XX é a idéia de uma enciclopédia *aberta*, adjetivo que certamente contradiz o substantivo *enciclopédia*, etmologicamente nascido da pretensão de exaurir o conhecimento do mundo encerrando-o num círculo. Hoje em dia não é mais pensável uma totalidade que não seja potencial, conjectural, multíplice.[66]

A totalidade potencial da qual fala Calvino é largamente explorada pelo autor de *Grande Sertão: Veredas*, pois suas personagens buscam elevar seus valores atávicos ao máximo; em especial, a coragem. Levando em conta que a bravura já foi aqui abordada, no capítulo anterior, no sub tópico Heróis de Grande Sertão: Veredas, cabe apenas ressaltar o quão corajosa foi Deodorina ao passar por Reinaldo durante todo o tempo que passaram juntos quando adultos, Riobaldo e Diadorim. Essa intrepidez na exploração das potencialidades humanas, enxergada em Diadorim, pode ser considerada prova de multiplicidade e também de que as

---

[64] Ítalo CALVINO, *Seis Propostas para o Novo Milênio*, p. 127.
[65] João GUIMARÃES ROSA, *Grande Sertão: Veredas*, p. 1.

personagens rosianas são capazes dos atos mais singulares para que não percam a noção de sua própria realidade. Sobre a realidade potencial de Grande Sertão: Veredas, Eduardo Coutinho afirma:

> Nesta volta ao primitivo, Rosa busca a afirmação de todas as potencialidades intrépidas do ser humano. Sua busca do primogênio é essencialmente busca do autêntico, no homem. Esta glorificação deliberada dos temperamentos genuínos é uma das formas do protesto guimarosiano contra a desinteração da vida humana, que se opera, nos quadros da sociedade contemporânea. Os grandes personagens rosianos não padecem da "perda da realidade", que gera revoltados, loucos, apáticos, suicidas, serem estilhaçados. São personagens que se apoderam da realidade, que agarram o destino pela garganta. Diadorim.[67]

A relação entre Literatura e Realidade não é tratada, especificamente, por Calvino, separada das demais características aqui já elencadas. Entretanto, essa relação é fundamental para o estudo proposto, dado que *Grande Sertão: Veredas* é aqui tratado como uma metáfora da realidade religiosa brasileira. A seguir, essa relação será abordada.

2.2 - Literatura e realidade

A Literatura pertence ao mundo da arte, ela cria universos que não pertencem ao mundo real, tangível. E como manifestação artística, tem características próprias que a compõem e a nomeiam. Por isso, é válido lembrar da afirmação de Saramago em *O evangelho segundo Jesus Cristo*:

> ... nenhuma destas coisas é real, o que temos diante de nós é papel e tinta, mais nada.[68]

Faz-se necessário também ressaltar que a Literatura não tem nenhum compromisso com a realidade. Seu único compromisso é consigo mesma, com sua realidade interna.

---

[66] *Ibid.,* p. 123.
[67] Afrânio COUTINHO, *A Literatura no Brasil*: Era Modernista, p. 516.
[68] José SARAMAGO, *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, p. 13.

> Quando plausível, o impossível se deve preferir a um possível que não convença[69].

Esse compromisso interno é obrigatório a toda boa literatura, a todo artista.

É fato que, após tomar conhecimento das idéias contidas no parágrafo acima, é temerário e pueril tentar apresentar a Literatura como tendo vínculos lógicos e concretos com a realidade.

Porém, tratando-se especificamente da obra rosiana, é necessário registrar que esse vínculo era ressaltado não só por apreciadores da obra de João Guimarães Rosa como pelo próprio autor. Em entrevista a Gunter Lorenz, João Rosa Guimarães afirma a importância de suas raízes:

> Minas Gerais; sou mineiro. E isto sim é o importante, pois quando escrevo, sempre me sinto transportado para esse mundo.[70] Ou ainda: Comecei a transformar em lenda o ambiente que me rodeava, porque este, em sua essência, era e continua sendo uma lenda.[71]

A ponte entre Literatura e Realidade, como já foi dito, não dever ser estabelecida de maneira mecânica, racional. Afinal, a Literatura é uma criação artística e como tal ultrapassa os limites da razão. Transcendendo essas fronteiras João Guimarães Rosa "recria" o sertão metaforicamente. Cria o sertão como este deveria ser. Sobre essa re-criação Nelson Werneck Sodré afirma:

> Como é de mansa e pacífica aceitação, o artista, e não apenas aquele que trabalha em literatura, jamais reproduz a realidade em todos os seus detalhes e traços. E porque não faz assim, justamente, é que, reproduzindo-a, faz da reprodução uma realidade mais real do que aquela existente, que busca retratar.[72]

---

[69] ARISTÓTELES, *A Poética Clássica*, p. 3.
[70] Gunter LORENZ, Diálogo com Guimarães Rosa, In: Eduardo COUTINHO, *Guimarães Rosa Seleção de textos,* p. 65.
[71] *Ibid.,* p. 69.
[72] Nelson Werneck SODRÉ, *História da Literatura Brasileira*, p. 663.

Em a *Literatura Brasileira – Origens e Unidade,* José Aderaldo Castello apresenta a relação entre a biografia de João Guimarães Rosa e *Grande Sertão: Veredas*, segundo a crença do próprio Rosa:

> Chegaria a reconhecer Grande Sertão: Veredas como sua "autobiografia irracional", "ou melhor", diria ele, "minha auto-irreflexão irracional": Na verdade repousando naquela unidade sertão/sertanejo, muito mais para ser sentido e intuído do que analisado, jamais poderia reduzi-lo ficcionalmente à representação racional.[73]

Lendo trechos de *Grande Sertão: Veredas,* pode-se afirmar que o rico e fictício sertão de Guimarães Rosa encontra, na realidade, eventos históricos – ocorridos em diferentes datas e países - semelhantes a sua narrativa de sertão imaginário.

> Dali vindo, visitar convém ao senhor o povoado dos pretos: esses bateavam em faisqueiras – no recesso brenho do Vargem-da-Cria – donde ouro já se tirou. Acho, de baixo quilate. Uns pretos que ainda sabem cantar gabos em sua língua da Costa.[74]

Visto que o vínculo entre *Grande Sertão: Veredas* e a realidade histórica nacional foi brevemente trabalhado, é chegado o momento de abordar outras explorações que foram feitas sobre o romance rosiano. O tópico a seguir tratará desses estudos.

2.3 - Multiplicidade dos estudos rosianos

Há inúmeros aspectos da obra rosiana que são estudados no meio acadêmico. No âmbito literário, os estudos feitos sobre a obra de Guimarães Rosa, no Brasil, quando abordam o campo religioso, às vezes, o fazem de uma perspectiva interna ao campo religioso cristão. Além disso, o universo vocabular utilizado nos mesmos é, muitas vezes, vago. Faltam definições para o que alguns autores de artigos dessa natureza entendem como transcendência, sagrado e plenitude. No

---

[73] José Aderaldo CASTELLO, *A Literatura Brasileira, Origens e Unidade*, vol II, p. 339.
[74] João GUIMARÃES ROSA, *Grande Sertão: Veredas*, p. 23.

caso de Ciências da Religião, essa vaguidez é prejudicial, pois, estudiosos ligados a esta área pesquisam justamente a influência, a formação e a crença em conceitos como transcendência, sagrado e plenitude. E, ao se aprofundarem nos referidos conceitos, é necessária a existência de um arcabouço teórico pertinente aos mesmos.

No livro, Convivendo com Guimarães Rosa: *Grande Sertão: Veredas*, há alguns ensaios relativos a essa preocupação. Exemplo disso é o texto de Giovana Moisés de *Riobaldo e a Ascensâo a Deus*[75]. A autora dá um enfoque católico à análise feita. Isto é nítido em trechos como:

> ... o homem aproxima-se do transcendente e da plenitude, (...) a valoração do Amor, da Verdade e da Vida, alcançando assim a Felicidade. [76]

Ou ainda, na mesma página:

> ... procura a verdade do espírito.[77]

É feito um paralelo entre os acontecimentos da vida de Riobaldo, herói de Grande Sertão:Veredas e passagens eventualmente ocorridas com Jesus Cristo. Essa comparação não será aqui trabalhada por não ir de encontro à pergunta sobre sincretismo religioso brasileiro que este texto pretende responder.

Em *O Medo e o Sertão:* A travessia da vida e o encontro com o desconhecido[78], são trabalhadas a importância do romance de João Guimarães Rosa ser narrado em dois tempos diferentes e a ambiguidade entre Bem e Mal que perpassa toda a obra. Tratando-se dos questionamentos acerca dessa ambigüidade, nada melhor do que um trabalho científico para aprofundar os conceitos de antagonismo e conflito de maneira sistemática.

---

[75] Cf. Giovana de Fátima RONTAL, Fausto MOISÉS, Riobaldo e a Ascensâo a Deus, Beatriz BERRINI (org.), *Convivendo com Guimarães Rosa*: Grande Sertão Veredas, p. 183-199.
[76] Giovana de Fátima RONTAL, Fausto MOISÉS, Riobaldo e a Ascensâo a Deus, Beatriz BERRINI (org.), *Convivendo com Guimarães Rosa*: Grande Sertão Veredas, p.187.
[77] *Ibid.,* p. 187.

João Vianney escreveu um artigo[79] dando ênfase ao caráter violento e demoníaco de Diadorim. Ao perfil da heroína, são atribuídas, no escrito em questão, características relacionadas ao Diabo naquilo que se considera que essa entidade possui de mais forte: a capacidade de perturbação. Sim, pois perturbar é o que Diadorim faz melhor com Tatarana. Riobaldo experiencia o amor pelo companheiro de armas com culpa, não entende o sentimento que nutre por aquele que ele pensa ser um igual. Urutu Branco passa por uma tentação. Além disso, segundo o artigo exposto, o herói da trama tenta estabelecer uma ligação com o Demo por causa de Diadorim. Depois do episódio das Veredas Mortas, Riobaldo adquire força e competência para permanecer na jagunçagem, ser vitorioso na guerra matando Hermógenes e vingando o pai de sua amada. Ao entrar em contato com esse trabalho de João Vianney Cavalcanti Nuto, pode-se afirmar que Urutu Branco põe em prática o plano de vingança pela causa coletiva, que é vencer a guerra e pela causa pessoal, que é matar o assassino de Joca Ramiro.

Antes disso, na primeira fase, a violência vem de Diadorim. Riobaldo não tem atitudes de comando nem tanta vontade de se vingar dos hermógenes. Só após Tatarana achar que se torna pactário, é que ele resolve se dedicar por completo à perseguição dos bandidos. João Vianney alega que, depois de um tempo, a situação muda: A violência que era de Diadorim deságua em Riobaldo. Ela permanece ao lado dele mais por amor do que para perseguir o assassino de seu pai. Através desse afeto interdito, o chefe Riobaldo cresce, mas continua sem compreender como sua amada é seu companheiro e como tão feroz guerreiro pode apreciar a beleza com tanta doçura. Diadorim/Reinaldo é ambígua aos olhos do narrador-personagem: amorosa e diabólica. Para concluir o breve comentário sobre o artigo, segue trecho do mesmo:

> ...a presença do diabólico em Diadorim pode ser vista positivamente: ao fazer Riobaldo conhecer seu lado crespo e escuro, como o próprio sertão dos jagunços, Diadorim, paradoxalmente, o ilumina com um conhecimento mais profundo de si mesmo e do mundo, transformando o que seria uma simples

---

[78] Cf. Maria Luiza de ARRUDA, O Medo e o Sertão: A travessia da vida e o encontro com o desconhecido, Beatriz BERRINI (org.), *Convivendo com Guimarães Rosa*: Grande Sertão Veredas, p. 15-41.

[79] Cf. João Vianney CAVALCANTI NUTO, *Diadorim e o Diabo nas Veredas do Sertão, Veredas de Rosa II*, p. 337-342.

> guerra entre jagunços em uma travessia pelo que existe de mais divino e diabólico: a alma do homem humano[80]

Em se tratando do estranhamento causado pelo romance à época de sua primeira edição, pode-se dizer que o mesmo ocorre até hoje. É lugar comum ouvir que João Guimarães Rosa é um autor chato, que *Grande Sertão: Veredas* é um livro muito díficil. Esse problema é abordado por Garbuglio em sua tese de livre docência *Os Componentes Binários de Grande Sertão: Veredas*.

No primeiro capítulo do trabalho mencionado acima, *A Estrutura Binária da Narrativa,* o autor, tendo como alicerces Mircea Eliade e Roland Barthes, apresenta um resumo dos acontecimentos do livro, ressaltando que estes são contados ao ritmo da memória do narrador-personagem. Como eixo central é sustentada a análise da narrativa; a bipolaridade da obra é criada pelas palavras, pelo modo de contar aquilo que o leitor não viu. Na fala peculiar de Riobaldo, o leitor entra em contato com diversos nomes, locais, batalhas e amores que se sobrepõem. O importante não são os fatos e sim as consequências que eles tiveram na vida daquele que conta a história do sertão. O impacto dessas ações, ou uma parte dele, é revelada ao leitor em uma cronologia desordenada. Por isso, não é surpresa, como afirma Garbuglio, para os leitores de Rosa, ouvirem comentários negativos sobre *Grande Sertão: Veredas* Afinal de contas, é complicado entender tudo que ali se passa.

A trama do romance é dividida, nessa tese, em blocos. No primeiro, é narrada a guerra. Além disso, o autor toca levemente na ligação Tatarana/Diadorim. Depois, é abordado o julgamento de Zé Bebelo, a postura de Hermógenes e de outros jagunços em tamanha solenidade e o quanto a mudez ou incapacidade verbal desses é diferente da opinião que Riobaldo emite sobre o destino do réu. Tatarana não oscila para dar seu parecer, expressa-se de maneira convincente e orgulhosa. O autor considera essa sentença um divisor no livro, pois, depois que o julgamento finda, começa o processo da personagem para tornar-se um verdadeiro chefe de jagunços. Além disso, a história passa a ser contada em dois planos: as andanças angustiadas de Tatarana e o rumo dos desertores, os hermógenes. Todos esses fatos e os modos e tempos verbais nos quais eles são narrados, são analisados por

---

[80] João Vianney CAVALCANTI NUTO, *Diadorim e o Diabo nas Veredas do Sertão, Veredas de Rosa*

Garbuglio de maneira dual. O romance é tratado, por ele, como tendo duas linhas narrativas: uma sincrônica e uma diacrônica. Desse duplo modo de narrar é que parte a análise sobre as funções binárias no romance.

No que se refere a citações de Garbuglio sobre o modo pelo qual Tatarana se expressa e a relação deste com o tema aqui explorado, faz-se necessário um breve comentário. Gostaria de salientar que este estudo dará uma grande importância ao idioma criado por João Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*, a maneira pela qual os personagens "falam", como linguagem e pensamento estão intimamente ligados como sendo um a expressão do outro. Em uma obra de ficção, esta ligação tem que ser verossímel.

O segundo capítulo é aberto com a dúvida de Tatarana sobre a existência do Demo. Na sequência, o primeiro encontro dos protagonistas é tratado como o causador do início de tomada de consciência de Riobaldo. Quando Reinaldo e o filho de Bigri ficam amigos, Tatarana começa realmente a viver. Esse encontro se dá em um rio, por isso a importância simbólica da água, como fonte de purificação e início da terra, é ressaltada.

> Mas eu olhava esse menino, com um prazer de companhia, como nunca por ninguém eu não tinha sentido (...) Fui recebendo em mim um desejo de que ele não fosse mais embora (...) – só meu companheiro amigo desconhecido (...) Senti, modo meu de menino que ele também se simpatizava a já comigo[81]

Na tese, Diadorim é visto como a síntese da dualidade. Um guerreiro que tem traços delicados e valentia de bruto. Ele só toma banho à noite e nunca deixa que alguém o veja sem roupa. Diadorim é o mistério que só será revelado no fim do livro. A ambiguidade está clara em seu nome DI + ADORAR. São expostas outras diversas possibilidades sobre o outro nome de Reinaldo, mas aqui só foi usada uma, a título de exemplificação, para melhor ilustrar a idéia do autor.

Em *Os Componentes Binários de Grande Sertão: Veredas*, o autor apresenta Diadorim como travesti:

II, p. 341.

[81] João GUIMARÃES ROSA, *Grande Sertão: Veredas*, p. 86.

> Diadorim é o início e o fim do mundo de Riobaldo, porque encerra em sua dua\lidade de travesti os pólos extremos de vizinhança e do afastamento.[82]

Aqui é preferível pensar em Deodorina como uma mulher que se disfarça de homem, para viver na jagunçagem. O "disfarce" de Diadorim será tratado aqui, posteriormente, como um dos componentes da mestiçagem.

O tempo todo a tese roda em função de vários pólos opostos que são ligados pela narrativa, o autor gira sempre em torno da palavra. Como Grande Sertão: Veredas é o instrumento de estudo do tema aqui proposto e não o tema em si, o terceiro capítulo A Linguagem do Duplo e o Duplo da Linguagem, que concentra-se na linguagem usada na trama, será deixado de lado.

Trabalhando de maneira distinta de Garbuglio, mas refletindo também sobre a dualidade da obra, Coutinho escreve:

> ... o grande herói resoluto do romance na realidade não é Riobaldo, ex-jagunço frustrado, mas Diadorim – a mulher que se faz guerreiro, numa versão dialética da imagem varonil da figura dos lutadores titânicos que são sempre homens. [83]

Durante todo tempo, o ensaio aborda *Grande Sertão: Veredas* como uma releitura de *Fausto* e como uma obra na qual a alegria é a busca maior do bicho humano. Para encontrá-la, os heróis rosianos enveredam-se em caminhos obscuros, vão e voltam em ações e sentimentos; alguns deles são desleais e outros são traídos.

Coutinho acredita que, para entender as mazelas de sua espécie, Tatarana, o abastado dono de terras e ex-chefe de jagunços, estabelece um monólogo com o leitor, tentando entender, recolhido em sua propriedade, o que fez de sua vida. O que tenta compreender sobremaneira é se existe o Diabo ou não e o que essa criatura pode fazer com o humano. Por isso, Riobaldo bebe de várias crenças. Esta característica servirá de mapeamento para o sincretismo religioso presente na obra.

---

[82] José Carlos GARBLUGLIO, *Os Componentes Binários de Grande Sertão: Veredas*, p. 72.
[83] Afrânio COUTINHO, *A Literatura no Brasil*: Era Modernista, p. 511.

Buscando estudos que contemplassem a religião popular em Grande Sertão: Veredas, tive um feliz encontro com a tese de mestrado de Joaquim Benedicto de Oliveira. Esta, elaborada em 1994 e defendida no Programa de Ciências da Religião, desta Universidade, leva o nome de A Hierofania no Episódio do Pacto de Riobaldo com o Demo. Usando como embasamento as idéias de Mircea Eliade, Rudolf Otto, Van Gennep e Leonardo Arroyo Oliveira, aborda o pacto como mito. Avançando, estuda as ações de Riobaldo antes e depois do pacto, dos ângulos poéticos, religiosos e míticos.

O estudo acima referido foi de grande importância para apronfudar a problemática sobre religião proposta em meu trabalho.

> Em que medida uma criação artística reproduziria um ser real e seria cópia do ser humano tal como o conhecemos? Assim, Riobaldo poderia, de alguma forma, representar o modo de ser , de pensar e, sobretudo de crer, do jagunço brasileiro habitante das matas do norte de Minas Gerais e do sul da Bahia?[84]

Além disso, afirma que o valor do sagrado é gigantesco para Urutu Branco; para a personagem, discorrer sobre a existência do demo é desvendar sua própria existência humana.

Para melhor esclarecer a importância atribuída ao pacto, por Oliveira, é preciso comentar que o primeiro capítulo trabalha esse acontecimento do ponto de vista espacial, como um deslocamento da personagem. O Autor afirma, à luz de Eliade, que Riobaldo, ao ir às Veredas Mortas, vender sua alma ao Diabo, sai do espaço profano e adentra no espaço sagrado. Oliveira divide o pacto em cinco fases: preparação, escolha do local, a espera, o pacto e a volta. Tatarana, segundo ele, muda pós-pacto, torna-se mais corajoso e capaz como chefe de jagunços. Essa alteração comportamental foi notada também por Garbuglio. O Pacto é um recomeço que, na tese, é comparado ao início da criação do mundo.

> Em resumo, pode-se afirmar com Mircea Eliade que o pacto de Riobaldo com o Demônio é um ‘documento...em virtude da dupla revelação que realiza: 1) revela uma modalidade do sagrado, enquanto hierofania; 2) enquanto

[84] Joaquim Benedicto de OLIVEIRA, *A Hierofania no Pacto de Riobaldo com o Demo*, p. 7.

> momento histórico (romanesco, embora) revela uma situação do homem em relação ao sagrado'. [85]

Nesse entender, a idéia principal do capítulo 2, O Pacto como Rito de passagem, é a de que esse ocorrido funde, via linguagem, Mito, Religião e Literatura. Vale ressaltar também que Oliveira, analisando a narrativa, distingue metáfora religiosa e metáfora poética. Sustenta que a primeira é uma realidade que orienta o homem e que a segunda dá a ficção, a ilusão ao bicho humano. Em outra ocasião, devido à pergunta aqui proposta, será dada maior e mais detalhada atenção às metáforas religiosas presentes em *Grande Sertão:Veredas*.

Para a presente pesquisa, a parte mais interessante do capítulo 3, O Sagrado, a Violência e a Ambiguidade no Pacto, é a visão que Oliveira afirma ter Riobaldo do demônio. A personagem encara o diabo como a antítese de Deus.

Atenção maior deve ser dispensada aqui ao capítulo 4, Religiosidade Popular, e Literatura. Neste, são apontadas algumas manifestações religiosas presentes em *Grande Sertão: Veredas*. O autor acredita que, para Urutu Branco, a loucura humana é a existência da maldade. Todas as ações consideradas não normais por Riobaldo, são comandadas pelo demônio e, para curá-las, o protagonista só acredita na reza. Só que reza em um sentido amplo, pois Riobaldo não é apegado a nenhuma crença específica. Para ele, qualquer tipo de oração é útil. A personagem faz rezas católicas, orações batistas, conversa com os cardecistas e paga algumas rezadeiras para orarem por ele. Lendo Oliveira e relendo o romance, é possível crer que Tatarana desenvolve, para si, uma religião que é mista de várias: religião popular e individual, brasileira e sincrética.

Ressaltando o modo peculiar do Riobaldo religioso, Oliveira se debruça sobre as comparações que Tatarana faz entre Virgem Maria e as mulheres que ama.

> Ao conhecer sua Otacília, refere: ' Que jurei em mim: a Nossa Senhora um dia em sonho ou sombra me aparecesse, podia ser assim – aquela cabecinha, figurinha de rosto' (...) É que ele acabara de se impressionar pela carinha redonda (...) pelo sorriso de Otacília, na janela. Popularmente, no Brasil, é costume associar à beleza da namorada, da irmã ou da mãe a beleza da Virgem Maria.[86]

---

[85] *Ibid.,* p. 52. (Grifos no original)
[86] Joaquim Benedicto de OLIVEIRA, *A Hierofania no Pacto de Riobaldo com o Demo*, p. 136.

A importância da poeticidade nas passagens religiosas do romance é destacada, assim como o modo que Riobaldo pratica a religião, sempre tendo como ponto de apoio, a reza. O autor faz com que sobressaia a idéia de que a religião é mais importante que o enredo do romance e que Deus, em *Grande Sertão:Veredas*, tem caráter humano.

Ao longo da dissertação, há outras várias menções ao modo pelo qual o protagonista vivencia sua religiosidade. Em outro momento, algumas dessas formas de Riobaldo se relacionar com os elementos considerados de transcendência religiosa serão analisadas.

Por último, é preciso ressaltar que Oliveira faz amplo uso das idéias de Leonardo Arroyo em seu *A Cultura Popular em Grande Sertão: Veredas*. Esta obra faz uma espécie de inventário, usando trechos do romance, de menções de elementos considerados como sagrados. Para estudantes rosianos, o livro de Arroyo pode funcionar como uma espécie de guia sobre os apontamentos religiosos presentes em *Grande Sertão: Veredas*.

A tese chega ao fim trabalhando linguagem, literatura, mito e religião. Oliveira explica que isolou o episódio do pacto e que o analisou sob diversos prismas. O viés mais interessante dessa abordagem, para a pergunta sobre sincretismo feita aqui, é o religioso.

> Como atitude religiosa, o pacto de Riobaldo revela a inserção do indivíduo no social religioso e tradicional, sem deixar de mostrar uma ponta da insubmissão popular à instituição que orienta, às vezes muito autoritariamente, sua sobrevivência no sertão que é o mundo.[87]

O aspecto religioso deste mundo que é o sertão será trabalhado de maneira mais detalhada no próximo capítulo.

---

[87] Joaquim Benedicto de OLIVEIRA, *A Hierofania no Pacto de Riobaldo com o Demo*, p. 148-149.

3 - Veredas religiosas

Neste capítulo, serão tratados os seguintes tópicos. O antagonismo como elemento formador do humano em fazimento e a religião. Religião como sistema coletivo, Profano e Sagrado- Pacto com Diabo, A importância dos chefes jagunços e sua ligação com Maria, Mestiçagem, Mestiçagem como travessia, Amizade Mestiça e Sincretismo.

O sincretismo é o último tópico exposto, pois, apesar dele ter relevância maior que os outros pontos analisados para o estudo aqui empreendido, ele é entendido como oriundo da mestiçagem. A autora acredita que o sincretismo tem relação direta ou indireta com todos os outros tópicos desse capítulo. Ele é inerente à formação da identidade do brasileiro.

Por abrigar elementos de povos distintos o sincretismo faz parte do antagonismo do humano em fazimento e enriquece a face coletiva da religião; dado que nunca é formado de maneira individual. Além disso, é construído tanto no âmbito sagrado, como no âmbito profano. O sincretismo faz parte das relações que o homem busca estabelecer com símbolos como o Diabo e como Maria; assim como também das relações hierárquicas retratadas em *Grande Sertão: Veredas*.

3.1 - O antagonismo como elemento formador do humano em fazimento e a religião

Voltando a Afrânio Coutinho, vale lembrar que o crítico afirma que João Guimarães Rosa era um homem ético e de elevados valores morais que buscava sempre o homem harmonioso, nobre. O estudioso liga o perfil do escritor à sede que suas personagens têm de revelarem-se e transcenderem suas próprias existências. Para ele, Rosa encontra no sertão um espaço livre de valores prostituídos, onde, por meio de um novo idioma, se opera a restauração do homem. Esta restauração do homem rosiano não isenta as personagens de João Guimarães Rosa de cometerem atos truculentos, ferozes. Essa violência é expressa em passagens do romance como aquela no qual os inimigos de Tatarana matam os cavalos dos inimigos para enfraquecê-los Esta falta de isenção dá às personagens de Rosa um caráter híbrido,

mestiço. Esta dualidade também é inerente à formação do território nacional. Este aspecto pode ser analisado metaforicamente, como a representação do antagonismo inerente aos personagens da obra.

O antagonismo faz parte da formação de um povo. No romance em questão, o humano se desenvolve na adversidade. Uma hora eles são retratados como heróis, em outras como vilões. Prova de que Riobaldo nem sempre é um homem ético é que ele estupra duas mulheres. A primeira delas resiste só no início, a outra reza enquanto ele a violenta. No primeiro episódio ele até chega a sentir medo de que algo lhe aconteça, por estar praticando tal ato Urutu Branco reflete sobre essas violações:

> A primeira, que foi, bonita moça [...] tanto me mordia, e as unhas tinha [...] eu entrevia medo. Mas eu não podia esbarrar. Mas, depois, num sítio perto da Serra Nova, foi uma outra, a moreninha miúda, e essa se sujeitou fria estendida, para mim ficou de pedras e terras [...] eu mesmo roguei pragas. Contanto que nunca mais abusei de mulher.[88]

A sede de revelação e transcendência que Coutinho enxerga em *Grande Sertão: Veredas* encontra ecos nas páginas finais de *O Povo Brasileiro*, obra de Darcy Ribeiro. Nesse livro, o autor afirma que a identidade do brasileiro se processa de maneira diferente de outras culturas colonizadas, pois resistiu a uma sistemática tentativa de “enxerto” cultural, transplantada da cultura além mar que pretendia uma desindianização do índio e desafricanização do negro. O povo em si de Darcy Ribeiro revela-se, metaforicamente, nas páginas de *Grande Sertão: Veredas*. Sobre a luta real do povo brasileiro para existir Darcy Ribeiro afirma:

> Ocorre, surpreendentemente que este povo nascente, em lugar de uma lusitânia de ultramar, se configura como um povo em si, que luta desde então para tomar consciência de si mesmo e realizar suas potencialidades.[89]

A *busca pela santidade do homem* de Afrânio Coutinho e a busca pela identidade nacional podem ser vistas como parte de uma mesma procura.

---

[88] João GUIMARÃES ROSA, *Grande Sertão: Veredas*, p. 149.
[89] Darcy RIBEIRO, *O Povo Brasileiro. A Formação e o sentido do Brasil*, p. 48.

O brasileiro não é uma totalidade, entendendo-se como um povo completo, terminado, mas sim em potencial, conjectural, multíplice. Segundo Darcy Ribeiro:

> ... somos um povo em ser, impedido de sê-lo. Um povo mestiço na carne e no espírito. [90]

Essa mestiçagem ainda não foi feita por completo, nem nas personagens rosianas.

> O Senhor....Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior.É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão.[91]

Ainda segundo Darcy Ribeiro, o brasileiro é um povo novo "em fazimento" . O em fazimento do brasileiro engloba a religião. Esta, será aqui entendida como um sistema de símbolos.

Tratando especificamente da importância da religião em Grande Sertão: Veredas, pode-se afirmar que ela é usada por Riobaldo como forma de compreensão, de entendimento daquilo que não é compreensível apenas com o uso da racionalidade.

Religião, neste contexto, representa a parte da cultura que se apresenta e é representada por um conjunto de símbolos e de concepções de um conhecimento. Através dessa forma de saber, os seres humanos se comunicam, se reconhecem, determinam suas ações e as relações com a vida, traduzindo, simbolicamente, uma visão de mundo. Sendo assim, estabelecem valores morais e estéticos, representando um tipo de vida ideal perfeitamente adaptado a uma existência real a partir do olhar específico de uma determinada cultura.

Os ensaios de Clifford Geertz fornecem orientação para compreendermos o papel da religião na representação cultural através de sua manifestação simbólica. O termo cultura pode ser entendido, segundo Geertz :

---

[90] Darcy RIBEIRO, *O Povo Brasileiro. A Formação e o sentido do Brasil*, p. 453.
[91] João GUIMARÃES ROSA, *Grande Sertão: Veredas*, p. 15.

> Ele denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida.[92]

A expressão da religião com relação aos padrões culturais, ou seja, aos sistemas de símbolos, representa fontes extrínsecas de informações, que estão fora do organismo do indivíduo, no mundo intersubjetivo de compreensões comuns no qual todos nascem. São processos externos a eles mesmos.

> Os símbolos religiosos formulam uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica (implícita no mais das vezes) e, ao fazê-lo, sustentam cada uma delas com a autoridade do outro.[93]

A religião é revestida de um padrão cultural simbólico que pode ser definido como modelo. Geertz, indica que este "modelo" deve ser compreendido em dois sentidos distintos, o sentido "de" e o sentido "para" O primeiro indica que o modelo serve como uma tradução da realidade não simbólica, como uma planta que representa o terreno e a construção de um edifício ou um esquema de uma máquina, enquanto o segundo, sentido "para" estabelece uma relação de reprodução de manipulação dos sistemas não simbólicos a partir dos meios indicados no modelo.

Ligando Riobaldo à concepção teórica de Clifford Geertz da religião é correto afirmar que o personagem acredita que a religião é uma forma de regulamentar, a vida cotidiana da sociedade. Como todo sistema, a religião implica organização.

Urutu Branco declara que a prática da vida em sociedade se torna mais fácil, quando é organizada pela religião. Isso é claro no trecho a seguir:

> Não me assente o senhor por beócio. Uma coisa é por idéias arranjadas, outra é lidar com país de pessoas, de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias....Tanta gente – dá susto de saber – e nenhum se sossega: todos nascendo, crescendo, se casando, querendo colocação de emprego, comida, saúde, riqueza, ser importante, querendo chuvas e negócios bons...De sorte que carece de se escolher: ou a gente se tece de viver no safado comum, ou

---

[92] Clifford GEERTZ, *A interpretação das culturas*, p. 66.
[93] *Ibid.,* p. 67.

> cuida só de religião só. Eu podia ser: padre sacerdote, se não chefe de jagunços; para outras coisas não fui parido.[94]

A religião será aqui tratada como **modelo para**. Esse modo de enxergar a religião será profícuo e servirá para construir a ponte entre o sincretismo religioso de *Grande Sertão: Veredas* e o sincretismo religioso do Brasil. A religião de *Grande Sertão: Veredas* pode ser considerada um **modelo para** compreender e investigar a religião brasileira.

> ... sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas. Um sistema de símbolos que atua para....[95]

A importância da religião sempre foi exaltada por Guimarães Rosa. Em uma carta endereçada a Edoardo Bizarri, seu tradutor italiano, o escritor afirma:

> Ora, você já notou, decerto, que, como eu, os meus livros, em essência são antiintelectuais – defendem o altíssimo primado da intuição, da revelação, da inspiração, sobre o bruxulear presunçoso da inteligência reflexiva, da razão, a megera cartesiana. Quero ficar com o Tao, com os Vedas e Upanixades, com os Evangelistas e São Paulo, com Platão, com Plotino, com Bergson, com Berdiaeff - com Cristo, principalmente. Por isto mesmo, como apreço de essência e acentuação, assim gostaria de considerá-los: a) cenário e realidade sertaneja: 1 ponto; b) enredo: 2 pontos; c)poesia: 3 pontos; d) valor metafísico-religioso: 4 pontos. Naturalmente, isto é subjetivo, traduz só a apreciação do autor, do que o autor gostaria, hoje que o livro fosse. Mas, em arte, não vale a intenção. Dei toda esta volta, só para reafirmar a Você que os livros, o *Corpo de Baile* principalmente, foram escritos, penso eu, neste espírito.[96]

Dada a quantidade de passagens de *Grande Sertão: Veredas* que podem ser vistas como contendo elementos religiosos úteis para a análise aqui proposta e a

---

[94] João GUIMARÃES ROSA, *Grande Sertão: Veredas*, p. 8.
[95] Clifford GEERTZ, *A Interpretação das Culturas*, p. 67.
[96] João GUIMARÃES ROSA, *Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizarri*, p. 58.

extensão de tema proposto, além da definição de religião de Clifford Geertz, essa também será entendida segundo a definição de religião como *doutrina humana*[97].

> ... formação humana, cujas raízes estão na situação do homem no mundo. Esta doutrina não está empenhada em atribuir à religião determinada validade, mas sim em compreendê-la como fenômeno humano e expressá-la num conceito suficientemente amplo para abranger todas as suas manifestações mais díspares.[98]

A religião, encarada como sistema de símbolos ligados à situação do homem no mundo, só poderá ser compreendida mediante uma reflexão acadêmica, como objeto de estudo da ciência. Neste trabalho, a religião é tratada como parte da cultura, tendo em vista que o próprio personagem central da obra entende seu mundo, através da mesma. Prova disso, é a importância que Afrânio Coutinho atribui à fala de Riobaldo e ao sincretismo presente na obra.

Afrânio Coutinho acredita que, para entender as mazelas de sua espécie, Tatarana, o abastado dono de terras e ex-chefe de jagunços, estabelece um monólogo com o leitor tentando compreender, recolhido em sua propriedade, o que fez de sua vida.

> Em Rosa, no desempenho da missão arquimédica de levantar o mundo, a religiosidade surge (...) do mesmo grau em que ela pode ser exercida tanto pela fé quanto assumida pela filosofia e pela arte. (...) podemos levantar o mapa de um desconcertante sincretismo religioso.[99]

Ao ler o trecho abaixo, pode-se entender o sincretismo religioso, aqui estudado, como a “religião livre” sob o qual Eduardo Coutinho discorre.

> Revolucionária é a livre religiosidade presente na obra rosiana (...)[100]

---

[97] *O Dicionário de Filosofia,* de Nicola ABBAGNANO, dividi a religião em três doutrinas: doutrina divina, doutrina política e doutrina humana. Aqui será utilizada apenas a definição de religião como doutrina humana, visto essa definição ir de encontro à proposta da tese em questão.
[98] *Ibid.,* p. 848.
[99] Afrânio COUTINHO, *A Literatura no Brasil*: Era Modernista, p. 490.
[100] Afrânio COUTINHO, *A Literatura no Brasil*: Era Modernista, p. 490.

Essa religiosidade livre serve para que o humano se compreenda e se auto-represente:

> ... é preciso pensar num fato básico: o homem só se reconhece nas suas criações. Se ele se objetiva numa deidade, é a si próprio que se está projetando, objetivando, auto-representando.[101]

Para que o sincretismo religioso seja aqui trabalhado, de maneira adequada, faz-se necessário esclarecer a importância da religião como sistema coletivo, segundo Emíle Durkheim. O tópico a seguir tratará desse tema.

3.2 - Religião como um sistema coletivo

Para uma definição de religião, é necessário que um estudo reconheça, a partir de sinais exteriores, os elementos comuns, dos quais todos os fenômenos religiosos resultam e que, portanto, excluam a possibilidade de confusão com outros fenômenos. Esta dissertação, para ser bem sucedida, deve se distanciar de valores pré concebidos, com o propósito de afastar o preconceito e hábitos de conduta da busca de elementos de definição de religião, Durkheim apresenta em *As formas elementares da vida religiosa* uma investigação que responde à realidade na busca desses elementos, este é o motivo pelo qual foi utilizado como referência.

> Não é a nossos preconceitos, a nossas paixões, a nossos hábitos que devem ser solicitados os elementos da definição que necessitamos; é a realidade mesma que se trata de definir.[102]

Para destacar o que as religiões têm em comum, na sua realidade concreta, Durkheim considera todas as religiões, as contemporâneas e as do passado, as mais refinadas e as mais simples e primitivas, não vê sentido em excluir nenhum sistema religioso em detrimento de outro e assim, sem exceções, todas as religiões são consideradas, pois expressam o homem a sua maneira podendo ajudar a compreender essa característica da natureza humana: a religiosidade.

---

[101] *Ibid.,* p. 488.
[102] Emile DURKHEIM, *As formas elementares da vida religiosa*, p. 4.

Um dos aspectos mais relevantes e característica comum a todas as religiões é a coletividade, comunhão de símbolos e de crenças construindo e instruindo no grupo a idéia religiosa. A religião é , portanto, inerente à formação cultural da humanidade e carrega a experiência coletiva, não individual, deste desenvolvimento. Seja qual for a religião ou prática que possa ser identificada como atitude ou crença religiosa de um determinado grupo, será comprovado que esta se expressa a partir da solidariedade na crença, nos ritos, nos cultos e na observação de comportamentos cotidianos. Um outro aspecto importante desta formação é o rito que deve ser observado como uma prática humana que obedece a um determinado comportamento análogo ao comportamento moral, uma ação que representa uma crença e que é chamado de ritualização. Durkheim estabelece um paralelismo entre as crenças e os ritos, o primeiro se expressa no campo das idéias e o segundo, como ação. A ritualização (movimento), portanto, representa a crença (pensamento). A partir destas categorias, pensamento e movimento, a religião colabora para a construção de uma identidade coletiva com representações religiosas comuns, construindo um arcabouço simbólico próprio.

> Os fenômenos religiosos classificam-se naturalmente em duas categorias fundamentais: as crenças e os ritos. As primeiras são estados da opinião, consistem em representações; os segundos são modos de ação determinados. Entre esses dois tipos de fatos há exatamente a diferença que separa o pensamento do movimento.[103]

Tratando especificamente de identidade coletiva e religiosa brasileira, pode-se dizer que ela não é homogênea; apresenta aspectos híbridos, de natureza mestiça.

Voltando a abordar a religião de maneira mais genérica, pode-se afirmar que esta, além de apresentar aos fiéis os traços culturais históricos do grupo através de suas gerações, também expressa a existência e presença de alguma força ou entidade com motivação humana e, principalmente, algum traço fundamental para o grupo em questão.

As religiões, portanto, têm como característica a expressão de uma identidade cultural, pautada pela crença e pelo ritual, estabelecendo práticas que atendem necessidades cotidianas, tanto quanto um contato com o incompreensível:

> As crenças propriamente religiosas são sempre comuns a uma coletividade determinada, que declara aderir a elas e praticar os ritos que lhe são solidários. Tais crenças não são apenas admitidas, a título individual, por todos os membros dessa coletividade, mas são próprias do grupo e fazem sua unidade. Os indivíduos que compõem essa coletividade sentem-se ligados uns aos outros pelo simples fato de terem uma fé comum. Uma sociedade cujos membros estão unidos por se representarem da mesma maneira o mundo sagrado e por traduzirem essa representação comum em práticas idênticas, é isso a que chamamos uma igreja.[104]

O caráter eminentemente coletivo da religião está ligado à memória coletiva; portanto, qualquer manifestação que pareça individualizada não o é, tendo em vista que o humano é um ser social.

> Chegamos, pois, à seguinte definição: uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem. O segundo elemento que participa assim de nossa definição não é menos essencial que o primeiro, pois, ao mostrar que a idéia de religião é inseparável da idéia de igreja, ele faz presentir que a religião deve ser uma coisa eminentemente coletiva.[105]

A relação de Riobaldo com as crenças e ritos citados em *Grande Sertão: Veredas*, em hipótese alguma é fruto de uma experiência individualizada. Pois, a religião como sistema de símbolos inserida na cultura só pode ser construída mediante a troca, a experiência de situações e fatos que ocorrem ao longo da vida do indivíduo. No caso de Riobaldo, as situações e fatos de sua vida só se desenrolam de uma determinada maneira, pelo modo como ele se relaciona com outros homens, com o coletivo e com as diversas formas de pensar os elementos considerados sagrados pelo humano.

> O suporte do narrador pode ser considerado sua memória-experiência-pessoal. E nesse caso, seria admissível que ele tanto poderia ser omisso como deformador intencional do narrado. O que prevalece, porém, é o desenvolvimento da memória pessoal pela memória coletiva, da qual, na

---

[103] Emile DURKHEIM, *As formas elementares da vida religiosa*, p. 19.
[104] Emile DURKHEIM, *As formas elementares da vida religiosa*, p. 28.
[105] *Ibid.,* p. 32.

> verdade, Riobaldo avulta como uma matriz representativa, comprometido com ele e por ela, donde suas muitas observações sobre a dificuldade de narrar. Ele superaria tais dificuldades, sobretudo porque era portador de uma missão libertadora – tanto dele quanto de coletividade que representa – dado o seu papel sintetizador, igual a herói.[106]

Aqui pode-se afirmar que reconhecer a religião de Riobaldo como sincrética é ir de encontro à definição de religião apresentada a seguir:

> Assim, uma religião não se reduz geralmente a um culto único, mas consiste em um sistema de cultos dotados de certa autonomia. Essa autonomia, por sinal, é variável. Às vezes, os cultos são hierarquizados e subordinados a um culto predominante, no qual acabam inclusive por ser absorvidos; mas ocorre também estarem simplesmente justapostos e confederados.[107]

A diversidade de cultos pelos quais Riobaldo trafega e sua relação com Quelemén é abordada em *O Medo e o Sertão:* A travessia da vida e o encontro com o desconhecido[108]. A ligação desses amigos se dá por meio da religião, pelo fato de Quelemén conversar com Tatarana sobre o kardecismo e lhe fornecer várias respostas que ele não conseguiria obter sozinho. Essa amizade também é fortalecida por Quelemén despertar Urutu Branco para algumas linhas de pensamento nas quais ele não teria enveredado, sem a ajuda de seu compadre. Como o próprio Tatarana afirma :

> Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio.[109]

Prova de que a religião de Urutu Branco não é fruto de uma experiência individual são algumas outras passagens de Grande Sertão: Veredas. Nestas, é claro que algumas pessoas que convivem com Tatarana acreditam nas mesmas coisas ou seres que ele.

---

[106] José Aderaldo CASTELLO, *A Literatura Brasileira, Origens e Unidade*, vol II, P. 347.
[107] Emile DURKHEIM, *As formas elementares da vida religiosa,* p. 25.
[108] Cf. Maria Luiza de ARRUDA, O Medo e o Sertão: A travessia da vida e o encontro com o desconhecido, In: Beatriz BERRINI (org.), *Convivendo com Guimarães Rosa*: Grande Sertão Veredas, p. 15-41.
[109] João GUIMARÃES ROSA, *Grande Sertão: Veredas*, p. 8.

> Agora mesmo, nestes dias de época, tem gente porfalando que o Diabo próprio parou, de passagem, no Andrequicé.[110]

Vários homens do bando de Riobaldo acreditam que Hermógenes tem pacto com o Diabo. Tanto que, Tatarana passa a pensar nisso com muita força quando, em dado momento, escuta da boca de João Bugre, um de seus companheiros, o seguinte:

> Juro que: pontual nos instantes de o raso se pisar, um sujeito dos companheiros, um João Bugre, me disse, ou disse a outro, do meu lado:
>
> - "...O Hermógenes tem pauta...Ele se quis com o Capiroto..."
>
> Eu ouvi aquilo demais. O pacto![111]

Em alguns momentos do romance, Urutu Branco "divide" com o leitor as idéias de Quelemén:

> Ah, formei aquela pergunta para compadre meu Quelemén. Que me respondeu: [...] Eu confiro com compadre meu Quelemén, o senhor sabe: razão da crença mesma que tem – que, por todo o mal, que se faz, um dia se repaga,o exato. [...] Compadre meu Quelemén nunca fala vazio, não subtrata.[112]

Após tentar atravessar a religião como sistema coletivo ligado ao sincretismo religioso nacional e ao sincretismo religioso presente em Grande Sertão: Veredas, o tópico seguinte, tratará do profano e do Pacto com o Diabo.

3.2.1 - Profano e Sagrado / Pacto com Diabo

---

[110] João GUIMARÃES ROSA, *Grande Sertão: Veredas*, p. 2.
[111] *Ibid.,* p. 37.
[112] *Ibid*., p. 14.

Os tópicos Profano, Sagrado e Pacto com Diabo serão trabalhados juntos, pois a autora acredita que essa análise conjunta será produtiva para o objetivo da dissertação. O Pacto com Diabo é tratado como um marco no romance. Pois, antes do Pacto, a separação, para Riobaldo, entre o mundo profano e o mundo sagrado é clara e bem demarcada. A questão do pacto com o Diabo será abordada como tendo importância simbólica. Não interessa ao estudo aqui proposto, se Tatarana fez ou deixou de fazer o trato com o Demônio. O que é fundamental, neste trabalho, é o conjunto de ações feitas por Riobaldo, de acordo com esse suposto contato. Partindo disso, é pertinente acreditar que a especulação sobre o Diabo é inerente ao estudo do sincretismo religioso.

Tatarana não tem, antes do pacto, vontade de ligar-se a elementos de transcendência religiosa. Esse interesse só surge pós-pacto. Em suas próprias palavras, ele era vazio, antes do suposto contato com o capeta:

> ... vazio de um meu dever honesto, de cada banda que eu fosse, eram pessoa matando e morrendo, vivendo numa fúria firme, numa certeza, e eu não pertencia a razão nenhuma, não guardava fé e nem fazia parte.[113]

Tratando sobre o Sagrado e o Profano e as supostas relações de Tatarana com o diabo, é relevante voltar a Emíle Durkheim. Ao abordar o antagonismo entre o sagrado e o profano, no início de *As Formas elementares da Vida Religiosa*, Émile Durkheim afirma que tanto um como outro, apesar, do contraste “habitam” um só mundo, Émile Durkheim afirma que:

> Pois o bem e o mal são duas espécies contrarias de um mesmo gênero, a moral, assim como a saúde e a doença são apenas dois aspectos diferentes de uma mesma ordem de fatos (...) o fato mesmo do contraste é universal.(...)
>
> Isso não significa, porém, que um ser jamais possa passar de um desses mundos para o outro; mas a maneira como essa passagem se produz, quando ocorre, põe em evidência a dualidade essencial dos dois reinos.[114]

---

[113] João GUIMARÃES ROSA, *Grande Sertão: Veredas*, p. 123.
[114] Emile DURKHEIM, *As formas elementares da vida religiosa*, p. 22.

Fazendo uma analogia entre o trecho citado acima e o momento no qual Tatarana procura o Diabo para travar o suposto pacto com o Capeta, pode-se dizer que a personagem, nessa passagem da obra, vai do profano para o sagrado. Riobaldo muda tanto que seus companheiros o percebem diferente. Melhor aqui é afirmar que ele insere em seu universo uma "porção" considerada sagrada. Sendo assim, o universo de Tatarana passa a ser, simultaneamente, sagrado e profano. Ele volta ao acampamento, depois desse episódio, transformado. Alguns dos companheiros de Riobaldo o julgam enfermo. Isso é claro no trecho que vem a seguir:

> Cheguei no meio dos outros, quando o Jacaré estava terminando de coar café. – "Tu treme friúra, pegou da maleita?" – algum me perguntou. – "Que os carregue!" – eu arrespondi. E mesmo com o sol saindo bom, cacei m cobertor e uma rede.(...)
>
> Sabendo que, de lá em diante, jamais nunca eu não sonhei mais, nem pudesse; aquele jogo fácil de costume, que de primeiro antecipava meus dias e noites, perdi pago. .(...)
>
> E, o que eu fazia, era que eu pensava sem querer, o pensar de novidades. Tudo agora reluzia com clareza, ocupando minhas idéias, e de tantas coisas passadas diversas eu inventava lembranças, de fatos esquecidos em muito remoto, neles eu topava outra razão; sem nem que fosse por minha própria vontade.[115]

Ainda referindo-se ao suposto pacto com o Demônio, é proveitoso deter-se em *O Medo e o Sertão:* A travessia da vida e o encontro com o desconhecido[116], pois o ensaio aborda o pacto com o Diabo, como sendo somente um símbolo:

> ... apenas motivo que reúne em si todo o potencial maléfico existente na natureza humana. [117]

A autora não aborda Hermógenes e o pacto como revelações da verdade e sim como partes que levam o protagonista a refletir sobre um plano maior do que aquele presente no enredo. Essa abordagem da autora pode aqui ser encarada

---

[115] João GUIMARÃES ROSA, *Grande Sertão: Veredas*, p. 373.
[116] Cf. Maria Luiza de Arruda, *O Medo e o Sertão:* A travessia da vida e o encontro com o desconhecido, In: Beatriz BERRINI, *Convivendo com Guimarães Rosa*: Grande Sertão Veredas, p. 15-41.
[117] *Ibid.,* p.16.

como uma tentativa de organizar a confusão presente na vida de Riobaldo. Ora, as religiões, de maneira grosseira, têm, por princípio, arrumar o caos; elas surgem no:

> ... mundo intersubjetivo de compreensões comuns no qual nascem todos os indivíduos. [118]

Pode-se especular aqui que, devido a essa intersubjetividade, é que nasce o hábito popular de nomear o capeta de vários modos e usar esses nomes como um chamado, como um apelo.

> E, o respeito de dar a ele assim esses nomes de rebuço, é que é mesmo um querer invocar que ele forme forma.[119]

Mais à frente, no enredo de *Grande Sertão: Veredas*, quando Urutu Branco se vê diante da morte de Reinaldo e da descoberta de que seu amigo era, na verdade, Deodorina, ele busca explicações para o que ocorreu. Nessa busca, usa a religião para encaixar em seu universo os elementos, fatos e problemas que não compreende sozinho. Depois que mata Hermógenes e sai da jagunçagem Riobaldo visita Zé Bebelo que recomenda a ele que vá conversar com Quelemém, um espírita. Riobaldo segue o conselho de seu amigo, na esperança de retomar o controle de sua vida. Para retomar esse controle, ele precisa de ajuda, sozinho Riobaldo não conseguiria as respostas que almeja. Tatarana busca ajuda de Quelemém para que este insira, em um universo simbólico e compreensível, os acontecimentos de sua vida. Quelemém, ao dar explicações a Urutu Branco, esclarece uma parte do domínio sagrado a Riobaldo e o ajuda a inserir esse domínio em seu universo.

Segundo Durkheim, as crenças religiosas supõem uma classificação das coisas concebidas em dois gêneros, definidos geralmente pelas palavras profano e sagrado. As coisas sagradas costumam ser consideradas como superiores em dignidade e em poderes às coisas profanas, são superiores até ao homem, quando

---

[118] Clifford GEERTZ, *A Interpretação das Culturas*, p. 68.
[119] João GUIMARÃES ROSA, *Grande Sertão: Veredas*, p. 2.

este é um homem comum e não possui, por si, algo de sagrado. O sagrado e o profano podem ser entendidos por sua radical oposição.

> O sagrado e o profano foram sempre e em toda parte concebidos pelo espírito humano como gêneros separados, como dois mundos entre os quais nada existe em comum. As energias que se manifestam não são simplesmente as que se encontram no outro, com alguns graus a mais, são de outra natureza.[120]

Para os homens, a noção do sagrado sempre está separada da de profano, como duas formas antagônicas, sendo que a coisa sagrada não pode ser tocada pelo profano impunemente. O relacionamento entre as duas só será possível, na medida em que o profano perca suas características específicas e se torne, num certo grau e medida, sagrado. Não pode haver aproximação dos dois gêneros e conservação de suas naturezas próprias. Sob o critério das crenças religiosas, Durkheim afirma que:

> ... as coisas sagradas são aquelas que as proibições protegem e isolam; as coisas profanas, aquelas a que se aplicam essas proibições e que devem permanecer à distância das primeiras[121].

Explorando, de maneira metafórica, o sentido de proteção e isolamento das coisas sagradas, pode- se afirmar que o corpo de Diadorim era sagrado para Riobaldo. Essa sacralidade é clara no momento em que Tarana descobre que seu companheiro de armas era mulher. A surpresa é clara no trecho em questão.

> Ela era. Tal que assim se desencantava, num encanto tão terrível; e levantei e levantei mão para me benzer – mas com ela tapei foi um soluçar, e enxuguei as lágrimas maiores. Uivei! Diadorim! Diadorim era uma mulher. Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Urucuia, como eu solucei meu desespero.[122]

---

[120] Emile DURKHEIM, *As formas elementares da vida religiosa*, p. 22.
[121] *Ibid., p.* 24.
[122] João GUIMARÃES ROSA, *Grande Sertão: Veredas*, p. 530.

Para melhor compreensão do espaço sagrado em relação ao espaço profano, será utilizado o apoio teórico de Mircea Eliade que, em sua obra: *O Sagrado e o Profano*, tece valiosa investigação sobre o tema. Para Mircea Eliade, o espaço, do ponto de vista religioso, não é homogêneo e apresenta diferenças qualitativas entre as partes, marcadas pelo espaço sagrado. Este,é significativo, forte e traduz a experiência do real em oposição ao espaço profano, sem estrutura e sem forma que o cerca. Segundo Mircea Eliade, esta experiência é primordial, funda o mundo e até precede as reflexões sobre o real.

> O sagrado é o *real* por excelência, ao mesmo tempo poder, eficiência, fonte de vida e fecundidade.[123]

Mircea Eliade afirma que a importância da experiência do homem religioso na descoberta, ou revelação do espaço sagrado se explica pela determinação de um ponto fixo, um centro, uma orientação. Isso é fundamental, pois nada pode começar ou ser feito sem uma orientação prévia, e toda orientação implica a determinação de um ponto fixo, com a validade e as referências que apenas o espaço sagrado pode realizar. Sendo assim, são essenciais as divisões qualitativas do espaço sagrado, pois este se presta a servir uma referência de direção a partir de um centro, ou em direção a este, o que seria inconcebível no vasto, até infinito, amorfo e homogêneo espaço profano. O espaço profano não possui a possibilidade de orientação; neles, ficam comprometidos os sentidos das ações, não é permitida a organização ou até mesmo a aproximação e sacralização do centro de um mundo real.

> O desejo do homem religioso de viver *no sagrado* equivale, de fato, ao seu desejo de se situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjetivas, de viver num mundo real e eficiente – e não numa ilusão. "Na realidade, o ritual pelo qual o homem constrói um espaço sagrado é eficiente *à medida que ele reproduz a obra dos deuses".*[124]

Na tentativa de estabelecer uma relação entre a concepção de sagrado e profano, feita por Mircea Eliade, e a ida de Riobaldo às Veredas Mortas, pode-se

---

[123] Mircea ELIADE, *O Sagrado e o Profano*, p. 31.
[124] *Ibid., p.* 32.

afirmar que, nesse episódio, Tatarana concebe o demônio como uma entidade sobrenatural pertencente ao espaço sagrado, como um símbolo sagrado. Muito tempo depois, quando Urutu Branco retorna ao ponto no qual acreditara ter feito o pacto, descobre que "Veredas Mortas" era um lugar que nunca existiu. Ou seja, o espaço Veredas Mortas é dessacralizado. Sobre a confusão de Riobaldo acerca das Veredas Mortas, Antônio Candido afirma:

> Assim, o narrador procura no fim do livro Veredas-Mortas, onde invocara o demônio , mas é informado de que se trata em verdade das Veredas Altas, – e o aparente local do contrato se evapora no mistério.[125]

Na referida passagem do romance, o símbolo demoníaco sai do universo sagrado e vai, para Riobaldo, para o universo profano. O Diabo deixa de ser sobrenatural como Deus, ele é humanizado e torna-se, para Tatarana, parte do humano. Só que o Urutu Branco que retorna às Veredas Mortas é diferente daquele que esteve lá na primeira vez.

O Riobaldo que procura estabelecer o pacto com o Diabo, ainda é um homem que vive a separação entre dois mundos: o sagrado e o profano. Quando Tatarana retorna às Veredas Mortas, ele é um homem mais experiente do que da primeira vez; muito sofrido e já sem Diadorim. Nesse segundo momento, Urutu Branco já concebe o mundo como um só, no qual profano e sagrado habitam. Ele tem uma visão mais homogênea do universo. Por isso, quando descobre que Veredas Mortas é um lugar inexistente, passa a entender o Diabo, como parte do humano.Esse humano, no qual o Demônio habita, tem dentro de si uma parte considerada sagrada; seja esta positiva ou negativa.

> Aonde ia, eu retinha bem, mesmo na doidagem. A um lugar só: às Veredas Mortas... De volta, de volta. Como se, tudo revendo, refazendo, eu pudesse receber outra vez o que eu não tinha tido, repor Diadorim em vida?[126]
>
> *Veredas Tortas* – veredas mortas. Eu disse, o senhor não ouviu. Nem torne a falar nesse nome, não. É o que ao senhor lhe peço. Lugar não onde. Lugares

---

[125] Antônio CÂNDIDO, O Homem dos Avessos, In: Eduardo COUTINHO, *Guimarães Rosa Seleção de Textos,* p. 112.
[126] João GUIMARÃES ROSA, *Grande Sertão: Veredas*, p. 532.

> assim são simples – dão nenhum aviso. Agora: quando passei por lá, minha mãe não tinha rezado – por mim naquele momento?[127]

É importante observar que cada grupo homogêneo de coisas sagradas é um centro organizador de crenças e ritos e que todas as religiões reconhecem uma pluralidade de coisas sagradas.

Ao se acreditar que os seres sagrados só se diferem dos demais por sua maior intensidade de poderes, percebe-se que os homens chegaram à idéia desses seres, através do exame das forças que, por sua imensa energia, conseguiram impressionar o espírito humano, no sentido de inspirar sentimentos religiosos. Porém, se as coisas sagradas são de outra essência que as profanas, será preciso entender o que levou o homem a ver no mundo dois mundos heterogêneos e incomparáveis. Riobaldo, às vezes, classifica Deus e o demônio:

> Deus é paciência. O contrário, é o diabo.[128]

É importante ressaltar que todas as crenças religiosas supõe uma classificação das coisas, reais ou ideais, em duas classes que podem ser traduzidas pelas palavras profano e sagrado.

A relação entre o homem e o sagrado é feita pela religião. Acontecimentos e ações classificados como incompreensíveis para a razão são inseridos no cotidiano, no sistema cultural. Essa inserção só ocorre quando há um questionamento. No caso de Tatarana, depois que Diadorim morre, passa a interpelar tudo o que fez de sua vida e o peso de cada um dos acontecimentos ocorridos ao longo de sua travessia sertaneja. Em algumas passagens do livro, Urutu Branco “usa” o “doutor” que o escuta, para interrogar a si mesmo:

> Deus é definitivamente; o demo é o contrário Dele.[129]

---

[127] João GUIMARÃES ROSA, *Grande Sertão: Veredas*, p. 81.
[128] *Ibid*., p. 10.
[129] *Ibid.,* p. 32.

> E as idéias instruídas do senhor me fornecem paz. Principalmente a confirmação, que me deu, de que o Tal não existe; pois é não? O Arrenegado, o Cão, o Cramulhão, o Indivíduo, o Galhardo, o Pé-de-Pato, o Sujo, o Homem, o Tisnado, o Coxo, o Temba, o Azarape, o Coisa-Ruim, o Mafarro, o Pé-Preto, o Canho, o Duba-Dubá, o Rapaz, o Tristonho, o Não-sei-que-diga, O-que-nunca-se-ri, o Sem-Gracejos...Pois, não existe![130]

Após tratar do profano e do sagrado e do suposto pacto com o Capeta, é chegada a hora de abordar o poder dos chefes de jagunços sob seus bandos e a importância do simbolismo de Virgem Maria no sertão rosiano.

3.2.2 - A importância dos chefes jagunços e sua ligação com Maria

A mestiçagem de Tatarana é fruto de sua cultura, de seus sistemas simbólicos. Uma das formas de criar a natureza humana é entender a cultura como um sistema de concepções herdadas que se expressam através de símbolos pelos quais os homens se comunicam, desenvolvem seu conhecimento e suas atividades e, em algumas dessas ações, se perpetuam.

Segundo Clifford Geertz, o caráter moral e ético de um povo, seu estudo e qualidade de vida que nada mais são do que cultura, ou ethos, são sintetizados em símbolos, ou seja, os recursos de capital intelectual representam um tipo de vida ideal, com adaptações ao estado de coisas atuais que a visão de mundo descreve.

No sertão rosiano, os chefes de jagunços exercem o poder como líderes políticos e ou religiosos, mediante as possibilidades e símbolos do universo ao qual pertencem. Chefes de jagunços como Joca Ramiro, Medeiros Vaz e Zé Bebelo são vistos pelos outros jagunços como seres diferentes dos humanos, considerados normais. Eles têm algo de “super-heróis”, algo considerado especial e sagrado pelo coletivo.

> “Até enquanto eu vivo for, ou não der contra-ordem...”- Joca Ramiro aí disse, em final. E se levantou, num de repente. Ah, quando ele levantava, puxava as coisa consigo, parecia – as pessoas, o chão, as árvores desencontradas. E todos também, ao em um tempo – feito um boi só, ou um gado em círculos, ou um relincho de cavalo. [131]

---

[130] João GUIMARÃES ROSA, *Grande Sertão: Veredas*, p. 30.
[131] *Ibid.,* p. 245.

O modo diferenciado como os chefes são vistos pelos seus bandos é nítido em várias passagens de Grande Sertão: Veredas; especialmente quando Zé Bebelo perdoa, em nome de Virgem Maria, dois irmãos que mataram o pai.

Zé Bebelo, valendo-se de sua autoridade, os interroga e descobre que o pai foi assassinado por ter mandado um irmão matar o outro, pois o último havia roubado uma Igreja. Os homens mataram o pai com foices enfeitadas em louvor à Virgem, para que ela os absolvesse, previamente, do patricídio. Os irmãos terminam sendo absolvidos por Zé Bebelo e pagam ao bando de jagunços uma multa em forma de cabeças de gado.

> Pois, se ela perdoa ou não, eu não sei. Mas eu perdôo, em nome dela – a Puríssima, Nossa Mãe!' – Zé Bebelo decretou. - ' O pai não queria matar? Pois então, morreu – dá na mesma. Absolvo! Tenho a honra de resumir circunstância desta decisão, sem admitir apelo nem revogo, legal e lealdado conformemente! [132]

Em primeiro lugar, um dos irmãos, mesmo tendo roubado a Igreja, considerada por um padrão cultural popular vigente como a Casa de Deus, é devoto de Virgem Maria. O segundo, é a imposição paternal que coloca a família em segundo plano em relação ao pecado cometido: o furto de uma peça sacra. O pai quer que um de seus filhos tire a vida do outro pela falta cometida. Em terceiro lugar, a crença dos assassinos na absolvição da Mãe Santíssima; ao enfeitar as foices para matar o pai os homens, acreditam que serão perdoados por Maria. Sob todo esse quadro, há o julgamento e a forte autoridade de um líder: Zé Bebelo. Este, além de compreender o ocorrido, perdoa e absolve os irmãos em nome da Virgem Maria e lhes cobra uma multa que é paga sem reclamações.

Nossa Senhora também tem muita importância quando é comparada, por Riobaldo, às mulheres pelas quais tem afetos profundos.

> Ao conhecer sua Otacília, refere: ' Que jurei em mim: a Nossa Senhora um dia em sonho ou sombra me aparecesse, podia ser assim – aquela cabecinha, figurinha de rosto' (...) É que ele acabara de se impressionar pela carinha redonda (...) pelo sorriso de Otacília, na janela. Popularmente, no

[132] João GUIMARÃES ROSA, *Grande Sertão: Veredas*, p. 62.

> Brasil, é costume associar à beleza da namorada, da irmã ou da mãe a beleza da Virgem Maria.[133]

Voltando ao estudo de Joaquim Benedicto de Oliveira, vale ressaltar que o estudioso afirma que, em *Grande Sertão: Veredas,* há menções à Nossa Senhora da Abadia. Esta, segundo o autor, é considerada a padroeira do sertão mineiro. Nossa Senhora, com diferentes nomes, é várias vezes citada em *Grande Sertão: Veredas*. Vale lembrar também que Oliveira, pertinentemente, dá especial importância ao fato de Riobaldo, na hora do pacto, clamar por Nossa Senhora. Segundo ele, Tatarana se sente tão protegido pela mãe de Jesus que acha que nada de mal lhe acontecerá por estar sob a guarda de Virgem Maria. O autor ainda associa essa crença de Riobaldo à crença dos romeiros de Nossa Senhora da Abadia de Água Suja. Estes, fazem uma procissão no dia 15 de agosto, com o intuito de terem todos seus pecados absolvidos pela Virgem.

Passando da devoção mariana à mestiçagem, o tópico seguinte tratará dessa questão, como sendo a raiz do sincretismo religioso.

3.3 - Mestiçagem

Os primeiros estudos teóricos sobre a mestiçagem no Brasil nasceram como precursores das Ciências Sociais no país.

Atualmente, lendo Renato Ortiz, pode-se tentar compreender qual o conceito de mestiçagem vigente. Também é possível encontrar na obra desse autor apoio teórico para compreender as interpretações dadas à miscigenação ao longo da história. Parte deste percurso é feito com o positivismo de Comte, o Darwinismo social e o evolucionismo de Spencer. Segundo Renato Ortiz[134], essas teorias tinham como base a idéia de que todas as sociedades humanas tendem para a evolução; saindo do “simples” (povos primitivos) e se dirigindo para o “mais complexo” (sociedades ocidentais, fundamentalmente as européias). Estas teorias contribuíam para uma consciência européia de seu poder. Além disso, essas linhas de

---

[133] Joaquim Benedicto de OLIVEIRA, *A Hierofania no Pacto de Riobaldo com o Demo*, p. 136.
[134] Cf. Renato ORTIZ, *Cultura e identidade nacional.*

pensamento contribuíam para o crescimento do capitalismo como inevitável no processo evolutivo.

O pensamento brasileiro, no início das Ciências Sociais, em solo nacional, compartilhou dessa teoria européia que dividia os povos em primitivos e complexos e a usou para explicar o atraso civilizatório em duas noções: o meio e a raça, que definem o quadro interpretativo da realidade brasileira:

> ... em termos deterministas clima e raça explicando a natureza indolente do brasileiro[135]

Soma-se, assim, ao evolucionismo, esses dois conceitos que encontram pouca repercussão na Europa, mas, na medida em que destacam o que há de específico na sociedade brasileira, são considerados importantes para os intelectuais brasileiros.

> Quando se afirma que o Brasil não pode ser mais uma "cópia" da metrópole, está subentendido que a particularidade nacional se revela através do meio e da raça. Ser brasileiro significa viver em um país geograficamente diferente da Europa; povoado por uma raça distinta da européia (...) Meio e raça traduzem, portanto, dois elementos imprescindíveis para a construção de uma identidade brasileira: o nacional e o popular.[136]

Segundo Renato Ortiz[137], a ideologia da miscigenação democrática é recente na história brasileira. Desde o século XIX, é possível perceber que o negro encontra-se afastado da caracterização literária. Somente no fim do século e, principalmente, com o fim da escravidão, o negro é admitido como formador do brasileiro, juntamente com o índio e com o português.

A partir da segunda década do século XX, o Brasil passa por grandes transformações: aceleração da industrialização, desenvolvimento da classe média e o surgimento do proletariado urbano. O movimento modernista brasileiro passa a ser referência por trazer uma consciência histórica apontando as transformações da sociedade brasileira. Na revolução de 30, as transformações são envolvidas pela

---

[135] Renato ORTIZ, *Cultura Brasileira e identidade nacional*, p. 16.
[136] *Ibid.,* p. 17.

política; o Estado passa a consolidar seu desenvolvimento e assim as teorias raciológicas tornam-se ultrapassadas.

A realidade brasileira necessita de outra explicação e, na opinião de Renato Ortiz, Gilberto Freyre atende esta demanda, pois, diferente da produção de ruptura e mais atenta às exigências acadêmicas (o nascimento da USP, por exemplo, se dá em 1930) de Caio Prado Jr. e Sergio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre não rompe com a tradicional investigação do século XIX, mas a reinterpreta do ponto de vista cultural, liberta as teorias de mestiçagem das ambigüidades das teorias racistas. O brasileiro passa então a ser visto como mestiço.

Em *Casa Grande e Senzala*, Renato Ortiz encontra a explicação teórica para o salto da questão racial para uma questão nacional, uma identidade que dificulta a separação de raças. A cultura é antes brasileira do que pertencente a um grupo de determinada cor.

Do estudo e da aceitação da mestiçagem como caráter inerente e formador do brasileiro é que sai a idéia do sincretismo religioso. A mestiçagem não é fruto dos fatos históricos, das raças, ela é, antes de tudo, o pano de fundo para todo e qualquer sistema de símbolos culturais que se dá no Brasil. A mestiçagem é cultural e a religião se organiza através dos símbolos dessa cultura, da identidade nacional.

O tópico a seguir abordará a mestiçagem como travessia, relacionada à travessia de *Grande Sertão: Veredas* e ao humano em fazimento.

3.3.1 - Mestiçagem como Travessia

Segundo Darcy Ribeiro, o português que aportou no Brasil era mestiço, fruto de impérios ruídos, conquistas mouras, semitas errantes, africanos e povos bárbaros, assim a mestiçagem do brasileiro, começa antes da miscigenação do povo europeu, também miscigenado.

> Enquanto civilização, era um transplante tardio de uma romanidade refeita por sucessivas transfigurações na península Ibérica, que, a certa altura, adquire forma e vigor para expandir-se como uma macroetnia conquistadora. Nesse sentido, repetiam-se (...) as situações em que conquistadores cartagineses e

---

[137] Cf. *Ibid.*

> romanos impuseram sua lingua, religião e cultura aos povos celtiberos, transfigurando-os etnicamente em lusos.[138]

A travessia que Riobaldo, personagem principal de *Grande Sertão: Veredas,* percorre é a da multiplicidade, da mestiçagem cultural. Ele nasce como filho de pai desconhecido e de Bigri, pobre empregada de um fazendeiro que diz ser padrinho do menino; torna-se professor, depois jagunço, chefe de jagunços, e por último, latifundiário. Graças a seu padrinho, que na verdade era pai dele, Riobaldo herda propriedades e vive em uma de suas fazendas, com a família, relembrando seu passado.

Ao chegar ao Brasil, os lusitanos defrontaram-se com povos oriundos de civilizações indígenas que viveram o drama, não só da multiplicidade cultural, como do desafio da criação de uma nova civilização. Surge aí um povo de nativos vindo da mestiçagem, entendendo esta como fusão de carne e espírito que viveu por muito tempo sem:

> ... consciência de si, afundada na ninguendade. [139]

Aí começava a formação da nova identidade étnico-nacional. Essa nova identidade já trazia o sincretismo em sua porção portuguesa.

> Toda a invasão de celtas, germanos, romanos, normandos – o anglo-escandinavo, *o H. Europaeus L.*, o feudalismo, o cristianismo, o direito romano, a monogamia. Que tudo isso sofreu restrição ou refração em um Portugal influenciado pela África.

O neologismo *ninguendade* “nomeia”, metaforicamente, o povo brasileiro, pois esse é um povo em fazimento. Esse em fazimento do caráter nacional, mestiço, pode ser relacionado ao neologismo Nonada. A primeira página de Grande Sertão: Veredas é iniciada por: “- Nonada”, esse travessão só é fechado na última folha, reforçando o fluxo contínuo da obra que não é dividida em capítulos. Uma das últimas palavras também é “Nonada”, o que destaca a idéia de que a história é uma

---

[138] Darcy RIBEIRO, *O Povo Brasileiro. A Formação e o sentido do Brasil*, p. 370.

narrativa circular que apresenta recortes temporais e pequenos episódios que, juntos, formam o todo.

A respeito do vocábulo que abre *Grande Sertão: Veredas*, Castello afirma:

> A palavra inicial – "Nonada" – ultrapassa a própria referência e remete ao desfecho, já consumado dos acontecimentos da obra. A sua sonoridade nos lembra imediatamente a frase feita do tipo "isto não nada", "isso não foi nada".[140]

Além disso, "Nonada" pode ser encarado como o espaço léxico e semântico que é preenchido pela fala contínua do narrador da história. Com o travessão, ganha voz aquele que antes não falava, pois não era ninguém; ganham concretude as ações que antes não eram conhecidas pelo *doutor da cidade*.

O nada é preenchido pela voz que se torna corpo, tornando-o o Sertão, e fazendo desse sertão, o mundo. Tanto no mundo criado por Guimarães Rosa, como no mundo da gente descrita por Darcy Ribeiro, há a travessia do humano, do brasileiro que busca pelo existir:

> **TRAVESSIA.** *Travessia perigosa mais é a da vida* (GSV,410/506) **.** *Existe é homem humano. Travessia* (GSV,460/568)./ Ato ou efeito de atravessar uma região, um continente, um mar etc.Longo trecho de caminho ermo. // Palavra muito empregada em **GSV** com o sent. Simbólico de vida, transposição de etapas.É a última pal. do romance, que é uma travessia pelos caminhos da imaginação, da reflexão, da arte.[141]

A idéia poética de travessia também está subliminar em A Hierofania no Episódio do Pacto de Riobaldo com o Demo[142]. Nesta, o autor afirma que Riobaldo dá um grande valor aos elementos de transcendência de caráter religioso. Para Tatarana, segundo Benedicto de Oliveira, discorrer sobre a existência do demo é desvendar a existência humana.

A história do sertão literário é inserida no contexto de arte universal, pois trata de sentimentos e ações que podem atingir ou ser parte de qualquer humano, em

---

[139] *Ibid.,* p. 453.
[140] José Aderaldo CASTELLO, *A Literatura Brasileira, Origens e Unidade*, vol II, p. 346.
[141] Nilce Sant'Anna MARTINS,*O Léxico de Guimarães Rosa*, p. 500-501.

qualquer tempo ou espaço. Prova dessa universalidade é a afinidade que pode ser encontrada entre o vir a ser do brasileiro, aberto para o futuro, e a interpretação do significado da existência do humano, como um caminho a ser percorrido em *Grande Sertão: Veredas*. Travessia.

As personagens rosianas, que vivem *Nonada*, só conseguem se fazer, existir, quando são inseridas na jagunçagem, em um grupo social que tirava o indivíduo da *ninguendade* do sertão, da miséria e da falta de consciência de si mesmo.

No tópico seguinte, será abordada a ligação de Riobaldo e Diadorim. Essa relação é importante, pois além de ser mestiça e sincrética, ajuda Tatarana a refletir sobre si mesmo.

3.3.2 - Amizade mestiça

A importância do relacionamento de Diadorim e Riobaldo deve ser levada em conta, dado que pode ser analisada como elemento de mestiçagem cultural presente em *Grande Sertão: Veredas*. Essa mestiçagem é presente, pois, durante todo o tempo, Diadorim se "camufla", ela se veste de homem guardando o segredo que, na verdade, Diadorim é Diadorina, uma mulher.

É fundamental indagar o modo e as razões que levaram Diadorim a passar-se, durante quase toda sua vida, por Reinaldo. Ao "transformar-se" num homem, ela escapa de ser consignada à Igreja ou ao casamento. Fica mais próxima de seu tio Leopoldo, aquele que a leva ao porto onde ela e Riobaldo se encontram pela primeira vez; dá orgulho a seu pai Joca Ramiro e vive perto do homem pelo qual é apaixonada. Não concretiza seu amor, mas torna-se um guerreiro respeitado e um dos maiores responsáveis pelo sucesso da batalha final do romance, luta na qual assassina Hermógnes e morre.

De certo modo, Diadorim cria para sua trajetória pessoal, dentro da obra, uma ficção privada. Ela, dentro da Literatura, cria um personagem para si mesmo.

> ... ninguém cria seu mundo ficcional do nada. Escreve-se a partir de uma tradição literária, negociando-se entre significados herdados e

---

[142] Cf. Joaquim Benedicto de OLIVEIRA, *A Hierofania no Pacto de Riobaldo com o Demo*.

> posicionamentos alternativos, mas sempre em relação ao que está culturalmente disponível. [143]

Diadorim transgride os limites impostos pela sociedade entre homem e mulher, entre o feminino e o masculino, ao se passar por um jagunço valente. A coragem e astúcia de Reinaldo, nas artes da guerra, são várias vezes louvadas:

> Vigiou o ar de todos. Aí ele era mestre nisso, de astuto se certificar só com um rabejo ligeiro de mirada – tinha gateza para contador de gado[144].

Seus banhos noturnos, sua castidade e seus desaparecimentos são encarados pelos companheiros como hábitos e crendices. Quando um membro do bando duvida da masculinidade do herói, em dado momento da narrativa, quase morre. O episódio se dá quando Fancho-Bode desconfia do modo delicado de andar de Diadorim. Reinaldo se sente ofendido, derruba rapidamente o oponente. Apesar disso, como "cavalheiro honrado" que é, dá a chance ao outro de se defender:

> Deu com o Fancho-Bode todo no chão, e já se curvou em cima: e o punhal parou ponta diantinho da goela do dito, bem encostado no gogó, da parte de riba, para se cravar deslizado com bom apoio [...]; era só se
>
> soltar, que, pelo peso, um fato se dava.[...] Diadorim mandou o Fancho se levantasse: que puxasse também a faca, viesse melhor se desempenhar![145]

Fancho-Bode desiste e afirma que todo o incidente não passou de uma simples brincadeira.

No universo da jagunçagem, apenas os homens vão para a guerra, às mulheres cabem as tarefas do lar e da família. De certa forma, a bravura dessa moça, a qual todos pensam ser homem, serve para provar que Diadorim é revolucionária e mestiça, homem e mulher, macho e fêmea Sincrética.

Sobre a situação de opressão das mulheres vale lembrar aqui uma das regras das sociedades patriarcais.

---

[143] Susana Bórneo FUNCK, Feminismo e Utopia, *Estudos Feministas*, p. 33.
[144] João GUIMARÃES ROSA, *Grande Sertão: Veredas*, p. 137.
[145] *Ibid.*, p.137.

> As mulheres são antes de mais nada corpos consignados à Igreja ou à família: virgens não maculadas completamente dedicadas à vida da alma, mulheres fecundas que garantem a continuidade do núcleo familiar, viúvas capazes de esquecerem as exigências carnais para viverem a vida do espírito. A este público, aparentemente ordenado e tranquilizante, e aparentemente imóvel e insensível às mutações da história, dirigem-se sermões, conselhos, avisos e ensinamentos de pregadores, clérigos, monges, maridos e pais.[146]

A visão exposta acima não é diferente daquela exposta em *Grande Sertão: Veredas.* A mulher é tratada como objeto, propriedade dos homens. No livro em questão, o único que não concorda com o tipo de tratamento dado a elas é Reinaldo:

> E eu era igual àqueles homens? Era. Com não terem mulher nenhuma lá, eles sacolejavam bestidades. – "saindo por aí", - dizia um – "qualquer uma que seja, não me escapole!" Ao que contavam casos de mocinhas ensinadas por eles, aproveitavelmente, de seguida, em horas safadas. – "Mulher é gente tão infeliz..." – me disse Diadorim, [...] Aqueles homens, quando estavam precisando, eles tinham aca, almiscravam. Achavam, manejavam.[147]

O narrador, apesar de construir o perfil masculino de Reinaldo, oferece pistas da feminilidade da personagem. As características "*de mulher"* do sertanejo, para Urutu Branco, não são, de forma alguma, prova de fraqueza ou demérito. Estes traços são apenas evidências que o cativam e o intrigam:

> Diadorim se descabelou, bonitamente, o rosto dele se principiava dos olhos[148].

Essas dicas envolvem o protagonista e o leitor.

Reinaldo prova, de certo modo, que uma mulher é capaz das mesmas façanhas que um homem e até de maiores feitos. Enquanto Tatarana, chefe dos jagunços, delira doente, quem guerreia é a filha de Joca Ramiro. Além disso, o próprio Riobaldo afirma, em várias passagens do livro, que aquele ao qual ele obedece sempre é seu amigo Reinaldo:

---

[146] Carla CASAGRANDE, A mulher sob custódia, In: Georges DUBY; Michelle PERROT, *História das Mulheres – A Idade Média,* p. 116.
[147] João GUIMARÃES ROSA, *Grande Sertão: Veredas*, p. 148.

> As vontades de minha pessoa estavam entregues a Diadorim.[149]

Ou em:

> E, aí desde aquela hora, conheci que, o Reinaldo, qualquer coisa que ele falasse, para mim virava sete vezes.[150]

A amizade dos protagonistas é aflitiva, permeada pela culpa. Esta sensação é clara na seguinte fala de Riobaldo:

> ... nanje pelo tanto que eu dele era louco amigo, e concebia por ele a vexável afeição que me estragava, feito um mau amor oculto.[151]

Esta culpa vem com o fato da amizade ser apenas a camuflagem dos verdadeiros sentimentos que um sente pelo outro:

> Primeiro fiquei sabendo que gostava de Diadorim – de amor mesmo amor, mal encoberto em amizade.[152]

O amor entre as personagens é encoberto pelo companheirismo que só se estabelece entre os dois jagunços, porque se dá entre homens, entre “iguais”.

As características biológicas de Diadorim, certamente, não foram um obstáculo para a realização do romance dela e de Riobaldo. O entrave para a concretização desse amor foi o preconceito, as normas sociais. Uma mulher não pode ter o mesmo modo de vida que um homem no sertão rosiano. Diadorim sabe que os modelos do universo em que vive não são neutros, eles são o resultado da visão masculina, ou seja, excluem as mulheres e acabam por não considerá-las como seres políticos e atuantes na sociedade. Portanto, a única saída que ela tem é esconder sua identidade para ter mais liberdade, para tentar se tornar igual aos

---

[148] *Ibid.,* p. 67.
[149] João GUIMARÃES ROSA, *Grande Sertão: Veredas*, p. 27.
[150] *Ibid.,* p. 123.
[151] *Ibid.,* p. 67.

outros guerreiros e ficar perto daquele que ama. É necessário relembrar que esse disfarce ocorre muito cedo, pois o primeiro encontro entre os protagonistas acontece quando ambos são ainda pré – adolescentes e passeiam de canoa. Diadorim, nesta época, já *é* Reinaldo:

> Mas eu olhava esse menino, com um prazer de companhia, como nunca por niguém eu não tinha sentido. [...] Fui recebendo em mim um desejo de que ele não fosse mais embora, mas ficasse, sobre as horas, e assim como estava sendo, sem parolagem miúda, sem brincadeira – só meu companheiro amigo desconhecido.[153]

Numa certa passagem do livro, Riobaldo tenta tocar em Diadorim, mas ela, não permite isso:

> Meu corpo gostava de Diadorim. Estendi a mão, para suas formas; mas, quando ia, bobamente, ele me olhou – os olhos dele não me deixaram. Diadorim, sério, testalto. Tive um gelo. Só os olhos negavam.[154]

Esse elo é também um laço entre uma moça de linhagem nobre – Diadorim era filha de Joca Ramiro – e o filho bastardo de um grande fazendeiro – Riobaldo, filho de Sêlorico Mendes -. Ou seja, essa amizade entre duas pessoas de classes sociais diferentes também enriquece a mestiçagem do romance. Riobaldo serve e obedece a Diadorim sempre; faz o pacto com o Diabo para vencer a guerra e vingar a morte do pai de sua amada. Além disso, não há, em toda a obra, um diálogo direto sobre os sentimentos dos protagonistas, eles nunca conversam sobre o que realmente sentem um pelo outro.

> Amigo? Aí foi isso que eu entendi? Ah, não; amigo, para mim é diferente. Não é um ajuste de um dar serviço ao outro, e receber, e saírem por este mundo, barganhando ajudas, [...] Amigo, para mim, é só isto: é a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual o igual, desarmado. [...] Amigo meu era Diadorim. [155]

---

[152] *Ibid.,* p. 252.
[153] João GUIMARÃES ROSA, *Grande Sertão: Veredas*, p. 86.
[154] *Ibid.,* p. 157.

Diadorim cria sua própria ficção. Todos acreditam na *farsa*, a ponto de Riobaldo repudiar ferozmente seus sentimentos. A personagem mascara a realidade de sua alma e de sua pele. Parte da fantasia só é desfeita, quando a guerra já está ganha e a heroína sem vida. O corpo é revelado a seu amigo e amor: Riobaldo. Somente aí é que a culpa do guerreiro se dissolve. A visão da nudez serve como expiação para o padecimento do soldado. Ao morrer, Diadorim mostra ao jagunço que ele pode amá-la livremente:

> Ela era. Tal que assim se desencantava, num encanto tão terrível; e levantei mão para me benzer – mas com ela tapei foi um soluçar, e enxuguei as lágrimas maiores. Uivei. Diadorim! Diadorim era uma mulher. Diadorim era uma mulher como o sol não acende a água do rio Urucuia, como eu solucei meu desespero.[156]

Com o fim de Reinaldo, Diadorim, ainda que morta, surge. Tatarana sofre duplamente pela descoberta e pela perda da mulher que ama. Seu sentimento se solidifica ao enxergar o corpo da virgem. O fim de Reinaldo não foi suficiente para estancar o sentimento de Riobaldo por Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins. Até a morte, neste episódio, é mestiça: morre o soldado Diadorim, nasce a mulher que Riobaldo ama.

O tópico a seguir tratará do sincretismo, como fruto natural e inerente da mestiçagem que foi percorrida nos tópicos anteriores.

3.4 - Sincretismo

É impossível ser mestiço e não ser sincrético. O brasileiro é aqui entendido como mestiço, portanto, sincrético. Dessa maneira, também, a dissertação encara o jagunço Riobaldo.

A religião dá ao povo grande parte de sua identidade cultural.

No caso do Brasil, essa identidade vem sendo construída tendo como alicerces o negro, o branco e o índio. Tratando especificamente da religiosidade pode-se dizer que este país é oficialmente católico. Entretanto, essa “oficialidade” é

---

[155] *Ibid.,* p. 155.

temperada por um caldeirão cultural composto por manifestações religiosas oriundas do espiritismo, do candomblé e de movimentos protestantes; dentre outras. Daí a necessidade de se tentar entender o sincretismo como um dos elementos lapidares da cultura nacional.

> Na característica básica de nossa religiosidade de então: justamente o seu caráter especificamente *colonial*. Branca, negra, indígena, refundiu espiritualidade diversas num todo absolutamente específico e simultaneamente multifacetado.[157]

O sincretismo é encarado, nesta dissertação, à luz do *Dicionário de Sociologia:*

> ... como fusão de dois ou mais elementos culturais num único elemento, continuando perceptíveis, no entanto, alguns sinais de suas origens diversas. [158]

Observando o povoamento do país na época colonial, é correto afirmar que a economia brasileira baseou-se na mão de obra escrava, de negros trazidos da África, assim como de alguns grupos indígenas inicialmente escravizados. Sendo assim, pode-se afirmar que o Brasil teve uma formação cultural inerentemente sincrética.

> O sincretismo marca pois uma das condições dos países de escravidão que é de mistura de raças e de povos, a coabitação das mais diversas etnias num mesmo lugar e a criação, acima das nações centradas nelas mesmas, de uma nova forma de solidariedade no sofrimento, uma solidariedade de cor. – Bastide, *op. cit*.. p. 260.[159]

A memória coletiva do Brasil é heterogênea, fruto dos processos históricos e sociais que formaram o país dos dias atuais. O português que veio habitar a colônia já era sincrético. Aqui, uniu-se aos negros de diversas partes da África, ao índio e a

---

[156] João GUIMARÃES ROSA, *Grande Sertão: Veredas*, p. 530.
[157] Laura de Melo e SOUZA, *O Diabo na Terra de Santa Cruz*, p. 88.
[158] EDITORA GLOBO, *Dicionário de Sociologia*, p. 307.
[159] Laura de Melo e SOUZA, *O Diabo na Terra de Santa Cruz*, p. 93.

outras gentes.Com isso, foi sendo criado um sincretismo específico da colônia, fruto da fusão de diversos povos. A metrópole portuguesa era mestiça:

> ... contatos de raça e cultura, apenas dificultados, nunca porém impedidos pelos antagonismos da religião, foram em Portugal os mais livres e entre elementos os mais diversos. Invadida a península pelos romanos, a resistência indígena, a princípio heróica e tremenda, acabou cedendo a pressão imperial. Inaugurou-se então o período de romanização ou latinização da Ibéria.[160]

O sincretismo aparece também como um sistema de adaptação ou assimilação de culturas religiosas distintas, mas que, de alguma maneira, podem coexistir, ora afirmando a veracidade de uma crença em sua similaridade em outra, ou mesmo servindo para a criação de uma outra crença em que o processo de assimilação ocorre não por analogia, mas por negação de pontos assimilados ou não assimilados nessa nova crença.

De qualquer forma, no Brasil, o sincretismo obedece ao padrão de analogia ao catolicismo das crenças africanas, com a manutenção de ambas, mesmo quando expressas em um mesmo ritual.

Para Renato Ortiz, no Brasil, o sincretismo, ocorre a partir de um sistema partida, de uma memória coletiva, no caso, o exemplo que o autor usa é das crenças oriundas do continente africano. O sistema partida escolhe os objetos que permitem a analogia e, portanto, a validação de uma e de outra crença.

> O sincretismo se dá quando existe um sistema-partida (memória coletiva) que comanda a escolha e depois ordena, dentro de seu quadro, o objeto escolhido.[161]

Sobre o catolicismo e sua ligação com alguns cultos africanos, o autor afirma:

> Na medida em que existe uma memória africana que escolhe, entre as Santas Católicas, aquela que possue um elemento análogo à divindade africana: a chuva. Isto, não significa, porém, que o sistema africano de classificação se confunda com o sistema católico; a memória africana conserva sua autonomia.[162]

---

[160] Gilberto FREYRE, *Casa – Grande e Senzala*, p. 282.
[161] Renato ORTIZ, *Cultura Brasileira e Identidade Nacional,* p. 32.
[162] *Ibid.,* p. 33.

Percebe-se, a partir desses conceitos, que a memória coletiva do povo brasileiro, baseada na colonização de modelo escravista fez co-existir várias culturas, ao mesmo tempo que o comando das mesmas determinou o sincretismo. Apesar do citado, o Brasil é considerado uma nação católica, principalmente porque o catolicismo do português já diferia do catolicismo do restante da Europa, tendo em vista ter sido resultado da fusão de outras culturas. Gilberto Freyre descreve o catolicismo ibérico como sendo também mouro.

> A moçarábe, a católica amaciada pelo contato com a maometana, e mais frouxa, mais relassa que a dos homens do Norte. Nem era entre eles a religião o mesmo duro e rígido sistema que ente os povos do Norte reformado e da própria Castela dramaticamente católica, mas uma liturgia antes social que religiosa.[163]

Após especular sobre a mestiçagem e o sincretismo em solo nacional, é pertinente afirmar que o conceito de sincretismo mais adequado a esta dissertação é um dos conceitos apresentados por Leonardo Boff. Este, em específico, trabalha o sincretismo como uma refundição de uma produção religiosa, que ocorre de maneira quase imperceptível.

De acordo com Boff, existe um conceito de sincretismo como refundição que se trata de uma produção religiosa como um grande processo, praticamente imperceptível.

> Processo largo de produção religiosa, quase imperceptível. A religião se abre às diferentes expressões religiosas, assimila-as, reinterpreta-as, refunde-as a partir dos critérios de sua própria identidade. Não se trata de um mero assumir, mas de um refundir e converter que implica, às vezes, crises, momentos de indefinição e indeterminação, não se sabendo bem se a identidade foi salvaguardada ou diluída.[164]

A refundição religiosa, analisada por Leonardo Boff, é uma das maiores responsáveis pela fundição da identidade brasileira. Esta é fruto especialmente do

---

[163] Gilberto FREYRE, *Casa – Grande e Senzala*, p. 84.
[164] Leonardo BOFF, *Igreja: Carisma e Poder*, p. 196.

branco, do negro e do índio. Mas, é um fruto ainda não maduro, no sentido de ser heterogêneo, mestiço e cheio de antagonismos.

Para a tentativa de compreensão do caráter do povo brasileiro, acredita-se ser fundamental que a religiosidade desse povo seja analisada, como um sistema de símbolos organizador desse povo. Para tanto, crê-se que seja produtivo analisar os objetos de transcendência religiosa como intrinsecamente ligados à idéia de igreja e de coletividade. Assim como a tentativa de compreensão desse universo deve ser feita, abrigando elementos sagrados e elementos profanos como formadores de uma mesma cultura.

Esta dissertação não é, de modo algum, uma resposta fechada e completa aos estudos da identidade do povo brasileiro. Ela é um início para o objeto possível de outra pesquisas, como indicado na conclusão.

Conclusão

Esta conclusão é composta pelos itens *Grande Sertão: Veredas* como metáfora de religiosidade brasileira, A língua como elemento de identidade nacional e vínculos entre religião e literatura.

Grande Sertão: Veredas como metáfora da religiosidade brasileira

O sub título do livro *O Povo Brasileiro*, de Darcy Ribeiro, é "a formação e o sentido do Brasil". Metaforicamente, esse sub-título poderia também ser o de Grandes Sertão: Veredas.

O livro de João Guimarães Rosa é fundamental como instrumento de estudo do sincretismo religioso brasileiro.

O romance pode ser considerado um registro artístico de parte do processo de formação do sincretismo religioso brasileiro. Como afirma Gilberto Freyre.

> O processo de construção da etnia não deixa marcas reconhecíveis senão nos registros de um grupo tão exótico e ambíguo como os letrados.[165]

Pelo resgate da língua, como elo de ligação nacional, Guimarães Rosa cria um novo idioma que serve aos "habitantes" das Veredas Rosianas. Ele resgata, cria e desenvolve, de maneira utópica, por meio da Arte, a formação e o sentido do Brasil. Esse, no mundo imaginário ou no mundo real, não poderia ser feito sem levar em conta o sincretismo religioso que não só define, como significa a busca constante da identidade nacional que sempre permeou a formação do povo brasileiro.

Grande Sertão: Veredas é uma metáfora do Brasil de Darcy Ribeiro, entendendo esta metáfora como um sistema de símbolos que forma uma sociedade, uma cultura mestiça.

---

[165] Darcy RIBEIRO, *O Povo Brasileiro. A Formação e o sentido do Brasil*, p. 133.

> ... do invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos. (...)
>
> Surge como uma etnia nacional, diferenciada culturalmente de suas matrizes formadoras, fortemente mestiçada, dinamizada por uma cultura sincrética e singularizada pela redefinição de traços culturais delas oriundos. Também novo porque se vê a si mesmo e é visto como uma gente nova, um novo gênero humano diferente de quantos existam.[166]

Língua como elemento de identidade nacional

O universo de *Grande Sertão: Veredas* não é democrático, pois apresenta uma classe dominante nativa: os jagunços. Mas, é utópico, por ser literário e por apresentar no topo da hierarquia de comando, representantes de um grupo que não teria vez na realidade.

> Com o comando de Medeiros Vaz, dali depois daquele carecido repouso, a gente revirava caminho, ia em cima dos outros - deles! – procurando combate. Munição não faltava. Nos estávamos em sessenta homens – mas todos cabras dos melhores. Chefe nosso, Medeiros Vaz, nunca perdia guerreiro. Medeiros Vaz era homem sobre o sisudo, nos usos formado, não gastava as palavras. Nunca relatava antes o projeto que tivesse, que marchas se ia amanhecer para dar. Também, tudo nele decidia a confiança de obediência .[167]

A fala dos jagunços em *Grande Sertão: Veredas* é violenta e muito bem articulada. Os jagunços se expressam de maneira precisa e sábia. Só que, para dar abrangência e inteligência à fala sertaneja, Guimarães Rosa não encontrou em nossa língua uma fonte suficiente de informação. O português está longe de ser uma língua pobre, mas, para dar voz à metáfora sertaneja, o idioma nacional não era suficientemente trabalhado, criado e fundido às influências que o Brasil sofreu e sofre ao longo de seu processo histórico; toda língua é produto social e como tal possui influências de seu meio, principalmente no que se refere às transformações históricas, portanto, nada mais natural do que adequar a língua sertaneja aos eventos de sua sociedade.

---

[166] Darcy RIBEIRO, *O Povo Brasileiro. A Formação e o sentido do Brasil*, p. 19.
[167] João GUIMARÃES ROSA, *Grande Sertão: Veredas*, p. 21.

> Uma língua , assim como um organismo vivo, nasce, cresce e morre; no curso de sua existência, ela passa por uma série de evolução e de revolução assimilando e desassimilando palavras, locuções familiares e formas gramaticais. [168]

Considerando a língua como um ser vivo, e como tal, em permanente estado de transformação, percebe-se que ela sofre interferências do mundo exterior, ou seja, do seu meio.

As palavras de uma língua, assim como sua fonética e sua ortografia se transformam sem cessar e sua conotação se modifica igualmente.

Os eventos da vida política, social e econômica de um povo deixam suas marcas na língua, ou seja, os diferentes significados que as palavras assumem têm uma relação muito estreita com as etapas históricas percorridas pelo povo que a utiliza.

No Brasil, existe uma série de culturas populares nas quais cada uma exprime, em particular, sua língua, que, pode-se dizer, tem uma existência ideológica.

A cultura do brasileiro, com suas características e vida própria, foi um material significativo para a criação lingüística de Guimarães Rosa. Ela surge como produto social, criada não só pelo autor, mas por sua vivência junto às particularidades dessa cultura, que o auxiliaram a construir essa língua tão cheia de neologismo para compor sua obra literária.

A língua nacional, segundo Gilberto Freyre, em *Grande e Senzala*, resulta da interpretação de duas tendências:

> Devêmo-la tanto às Mães bentas e às Tias Rosas como aos padres Gamas e aos padres Pereiras. [169]

---

[168] MARX; ENGELS; STALINE, *Lafargue – Marxisme e Linguistique*, p. 79. (Tradução nossa) “Une langue, aesisi qu’ un organismo vivante, naît, croît et meurt; dons lê cours de son existence, elle passe por une série d’évolutions e dos révolutions assimilant e désassmillont dês mots, dês locutions familiales e des formes gramanaticales”.

[169] Gilberto FREYRE, *Casa – Grande e Senzala,* p. 417.

O português falado no Brasil ligou as Casas Grandes às Senzalas, os escravos aos senhores, dentre outras e foi enriquecido por uma variedade de antagonismos que falta ao português da Europa, que, apesar de ter sido fundido em um único elemento, conservou sinais de suas origens diversas como forma de manifestação sincrética através do idioma com a influência maior dada pelo negro.

A língua falada que, durante muito tempo, manteve-se dividida em duas: Casas Grande e Senzalas, ao se deparar com a aliança entre ama negra e menino branco, dentre outras, acabou com essa dualidade.

João Guimarães Rosa que publicou Grande Sertão: Veredas em 1956, beneficiou-se da fusão lingüística que já era inerente ao português falado no país, para criar o seu próprio idioma *nonada*.

A questão da língua como elemento de ligação e identidade nacional aparece em João Guimarães Rosa como síntese do relativismo das forças antagônicas que enriqueceram a formação da cultura brasileira, fundindo-se no elemento em fazimento.

João Guimarães Rosa se viu obrigado a inventar uma nova língua para unificar o Brasil. Para fazer o jagunço existir e ser importante, era preciso ter uma fala que correspondesse a essa personagem, fosse pertinente e suprisse as necessidades de comunicação desse ser que se pronunciava pela primeira vez. Ainda que esse pronunciamento seja fictício, deve ser crível, ter verosimilhança interna. A verosimilhança, nesse caso, só é possível quando leva em conta o sincretismo religioso.

Vínculos entre religião e literatura

Neste trabalho, tentei estabelecer uma ligação intrínseca entre Literatura e o modo de ser religioso do brasileiro. Ao final deste, vale relembrar a visão de Leonardo Boff sobre o modo de ser religioso do brasileiro:

> Nossa tarefa é mostrar a legitimidade do sincretismo como processo de vida de uma religião. Sua relevância no Brasil é grande, dada a profunda sensibilidade religiosa do povo e a efervescência de expressões religiosas existentes, de distinta procedência , da África, dos indígenas, dos caboclos,

> do cristianismo colonial- medieval, reformado e modernizado, das várias congregações cristãs. Aqui, o catolicismo pode, ao encarnar se e abrir se a esta riqueza religiosa, criar um rosto novo.[170]

O novo rosto do qual Boff fala pode ser considerado o mesmo rosto do brasileiro que busca seu destino (Darcy Ribeiro). Este rosto, no plano fictício, tem as feições e a fala de Riobaldo e fala a língua de João Guimarães Rosa.

Tatarana, ex-jagunço e latifundiário, é a metáfora do que o brasileiro ***deveria ser*** ou ***será*** .

Riobaldo explora todas suas potencialidades. Rosa explora todas as potencialidades da língua no romance.

Segundo Darcy Ribeiro, um dos grandes desafios do brasileiro é reinventar o humano, criando um novo gênero de gentes, diferentes de quantas haja.[171]

Esse desafio é encarado na arte de João Guimarães Rosa.

Leonardo Boff acredita que interrogar-se diante do inexplicável é um ato inerente ao humano, é uma reflexão. Interrogar um povo, uma sociedade, sem examinar a fala e/ou a escrita dessa gente, é impossível.

A existência humana mestiça, sincrética e nacional ainda não tem um rosto definido. Darcy Ribeiro deixa transparecer, em sua obra, o desejo por uma sociedade igualitária, mais justa e digna. Quando o entrelaçamento entre a obra de Darcy, Riobaldo e o romance de João Guimarães é feito, há veredas que ainda não foram exploradas. Pois, *Grande Sertão: Veredas*, como metáfora da existência humana, apresenta uma sociedade violenta, religiosa e não democrática. Todavia, é pertinente afirmar que o fato de Riobaldo beber de várias crenças apresenta uma relativa “democracia religiosa” na obra. Aqui, democracia religiosa deve ser entendida como sincretismo religioso. Nesse caso, o sentido do sertão e o sentido do Brasil são os mesmos. Na literatura e na realidade, o brasileiro é religioso e mestiço, falante do português. O modo de ser católico do brasileiro segue os mesmos padrões dos outros aspectos constituintes de sua herança social, ou seja, mestiça, sincrética e em formação; o que lhe dá características específicas no que se refere à religião católica apostólica romana.

---

[170] Leonardo BOFF, *Igreja: Carisma e Poder*, p. 197.

A língua portuguesa e o modo de ser religioso brasileiro continuam em transformação e movimento, devido à cultura mestiça que aqui vive. E como toda cultura, a brasileira interroga a si mesma por meio da arte, interpela suas origens e o que construiu ao longo de sua história. Ora, a literatura deve ser examinada para que o modo de ser religioso e sincrético do brasileiro seja compreendido, pois a literatura é um modo de interrogar a si mesmo – autora ou autor da obra - e aos leitores sobre a existência humana.

Para que esse rosto seja definido, o estudo da literatura brasileira é fundamental.

Ao final desta dissertação, não tenho uma resposta formada sobre qual é exatamente o modo de ser sincrético do brasileiro nos dias atuais. Porém, tenho um caminho a seguir que já apresenta trechos literários e veredas abertas por Darcy Ribeiro, Gilberto Freyre, Leonardo Boff e tantos outros. Fiz um passeio por esses trechos e os transformei neste estudo.

Para o futuro, fica a vontade de revisitar essas trilhas sociológicas e literárias com mais instrumentos e informações, a fim de aprofundar o assunto em questão, ou seja, a contribuição da literatura e da lingüística no sentido de entender o sincretismo brasileiro como parte da busca da identidade nacional.

O caminho do sincretismo religioso brasileiro está sendo construído como elemento constituinte desse povo em formação. Povo este, que ainda sem um rosto definido, faz parte de uma nação violenta, religiosa e não democrática.

O carnaval, como parte da cultura que forma o rosto do Brasil, é um registro vivo de nossa história. Prova disso é o samba enredo apresentado pela escola Estação Primeira de Mangueira no Rio de Janeiro em 2007.

---

[171] Darcy RIBEIRO, *O Povo Brasileiro. A Formação e o sentido do Brasil*, p. 453.

MANGUEIRA

Minha pátria é minha língua, Mangueira meu grande amor. Meu samba vai ao Lácio e colhe a última flor.

Quem sou eu
Tenho a mais bela maneira de expressar
Sou Mangueira...uma poesia singular
Fui ao Lácio e nos meus versos canto a última flor
Que espalhou por vários continentes
Um manancial de amor
Caravelas ao mar partiram
Por destino encontraram o Brasil...
Nos trazendo a maior riqueza
A nossa língua portuguesa
Se misturou com o tupi, tupinambrasileirou
Mais tarde o canto do negro ecoou

(...)
Vem no vira da Mangueira vem sambar
Meu idioma tem o dom de transformar
Faz do Palácio do Samba uma casa portuguesa
É uma casa portuguesa com certeza.

Bibliografia

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ABEL, Carlos Alberto dos Santos. *Rosa autor Riobaldo narrador*. Cidade: Relume-Damara, 2003.

ALVES, Rubem. *O que é religião*. 14ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

ARRIGUCCI JR., David. O mundo misturado-romance e experiência em Guimarães Rosa. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, no.40, p. 7-29, 1996.

_____. Guimarães Rosa e Góngora: Metáforas. In: *Clavileño*, ICHSP, 1967. Republicado em *Achados e Perdidos* (Ensaios de Crítica). São Paulo, Polis, 1979.

ARISTÓTELES. HORÁCIO. LONGINO. *A Poética Clássica.* São Paulo: Cultrix, 1997.

ARROYO, Leonardo. *A Cultura Popular em Grande Sertão: Veredas:* Filiações e sobrevivências tradicionais, algumas vezes eruditas*.* Rio de Janeiro: José Olympio – Instituto Nacional do Livro Fundação Pró - Memória, 1984.

ARRUDA, Maria Luiza de ARRUDA. O Medo e o Sertão: A travessia da vida e o encontro com o desconhecido. BERRINI, Beatriz (org.). *Convivendo com Guimarães Rosa*: Grande Sertão Veredas. São Paulo: EDUC, 2004, p. 15-41.

ATAÍDE, Tristão de. O Transrealismo de Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo. *Guimarães Rosa Seleção de Textos.* São Paulo: Civilização Brasileira, 1991.

BIZZARRI, Edoardo; GUIMARÃES, Rosa João. *João Guimarães Rosa – Correspondência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

BOFF, Leonardo. *Igreja: Carisma e Poder*. Ensaios de Eclesiologia Militante. Edição Revista. Rio de Janeiro: Record, 2005.

BOLLE, Wili. O pacto no Grande Sertão: esoterismo ou lei fundadora?. *Revista USP,* São Paulo, no. 36, p. 20-45, dez/jan 1997-1998.

BOSCHI, Caio César. *Os Leigos e o poder*: Irmandades Leigas e Política Colonizadora em Minas Gerais. São Paulo: Ática, 1986.

BRAIT, Beth. *O sertão e os Sertões*. São Paulo: Arte e Ciência, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os Deuses do Povo*: Um estudo sobre a religião popular. São Paulo: Brasiliense, 1980

BRASIL, Assis. *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1969.

BUSSOLOTTI, Maria Apparecida Faria Marcondes (org.). *João Guimarães Rosa* – Correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

CALVINO, Ítalo. *Seis Propostas para o Novo Milênio*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

CAMPOS, Augusto de. Um lance de Dês no Grande Sertão. In: COUTINHO, Eduardo. *Guimarães Rosa Seleção de Textos*, São Paulo: Civilização Brasileira, 1991.

CAMPOS, Leonardo Cristiane. *A diversidade dos ritos bantos na cidade de Montes Claros*: norte do estado de Minas Gerais/ Brasil, a partir da Segunda metade do século XX. Montes Claros: Unimontes, 2004.

CÂNDIDO, Antônio. O Homem dos Avessos. In: COUTINHO, Eduardo. *Guimarães Rosa Seleção de Textos.* São Paulo: Civilização Brasileira, 1991.

CASAGRANDE, Carla. A mulher sob custódia. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das Mulheres – A Idade Média,* vol. 2. Porto: Afrontamento, 1990.

CASTELLO, José Aderaldo. *A Literatura Brasileira, Origens e Unidade*, vol II. São Paulo: Edusp, 1999.

CASTRO, Nei Leandro de. *Universo e Vocabulário do Grande Sertão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

CÉSAR, Guilhermino et alii. *João Guimarães Rosa*. Porto Alegre: Editora da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1969.

COELHO, Nelly Novaes. Guimarães Rosa e o “Homo Ludens”. In: COUTINHO, Eduardo. *Guimarães Rosa Seleção de Textos.* São Paulo: Civilização Brasileira, 1991.

COSTA, João Batista de Almeida. *Flânerie na Paisagem*: está no nome o segredo do englobamento em Minas Gerais. In: Mineiros e Baianeiros: englobamento, exclusão

e resistência. Brasília: Universidade de Brasília, 2003, pp. 01-29 (Tese de Doutorado).

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*: Era Modernista. 5.ed. Ver e atual. São Paulo: Global, 1999.

COUTINHO, Afrânio. Duas anotações. In: COUTINHO, Eduardo. *Guimarães Rosa Seleção de Textos.* São Paulo: Civilização Brasileira, 1991.

COUTINHO, Eduardo de Faria. Guimarães Rosa: Um Alquimista da Palavra. In: ROSA, João Guimarães. *Ficção Completa*. Evols. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Vol I

_____. Guimarães Rosa e o Processo de revitalização da Linguagem. In: COUTINHO, Eduardo. *Guimarães Rosa Seleção de Textos.* São Paulo: Civilização Brasileira, 1991.

_____. *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL, 1983.

COVIZZI, Lenira Marques. *João Guimarães Rosa*. São Paulo: Agora da Ilha, 2001.

_____. *O insólito em Guimarães Rosa.* São Paulo: Ática, 1971.

DACANAL, José H. "*A epopéia riobaldiana" Nova narrativa épica do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1973

DAILERT, Arlindo. *Outras margens*. Estudo da obra de Guimarães Rosa. Belo Horizonte: Autêntica/ Editora PUC/MG, 2001.

_____. *Imagens do Grande Sertão*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

DANIEL, Mary Lou. *João Guimarães Rosa:* Travessia Literária. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

DICTIONNAIRE DE LINGUISTIQUE LAROUSSE. Canadá: Librairie Larousse, 1973.

DUARTE, Lelia Parreira. *Seminário Internacional Guimarães Rosa*. Vol I e II. Belo Horizonte: PUC Minas, 2001.

_____ et alii. (org.). *Veredas de Rosa.* Belo Horizonte: PUC/Minas/CESPUC, 2000.

DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. Madrid: Akal Editor, 1982.

EDITORA GLOBO. *Dicionário de sociologia.* Porto Alegre: Editora Globo, 1970.

ELÍADE, Mircea. *O sagrado e o Profano* – a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FANTINI, Marli. *Guimarães Rosa*. Fronteiras, Margens, Passagens. São Paulo: Ateliê / SENAC, 2004.

FERRETI, Sergio Figueiredo. *Repensando o Sincretismo*. São Paulo: Edusp, 1995.

FREYRE, Gilberto. *Casa – Grande e Senzala*. 4ª ed. São Paulo: Global, 2004.

FUNCK, Susana Bórneo. Feminismo e Utopia. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 25 -38, 1993.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *A donzela guerreira:* Um estudo de gênero. São Paulo: SENAC, 1998.

_____. *As Formas do Falso*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

GARBUGLIO, José Carlos. *O mundo movente de Guimarães Rosa*. São Paulo: Ática, 1972.

_____. *Os Componentes Binários de Grande Sertão: Veredas*. 1970. 157 p. Tese (Livre-Docência em Letras) Universidade de São Paulo. São Paulo.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson. *Mundo Encaixado*: Significação da Cultura Popular. Juiz de Fora: UFJF, 1992

GUIMARÃES ROSA, João. *Grande Sertão: Veredas*. 36ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

_____. *Grande Sertão*: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1986.

_____. *Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizarri.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

HANSEN, João Adolfo. *O ó: a ficção da literatura em Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Hedra, 2000.

LAGES, Susana Kampff. *João Guimarães Rosa e a Saudade*. São Paulo: Ateliê, 2003

LEONEL, Maria Célia. *Magma e Gênese da Obra*. Araraquara: Unesp, 2000.

LIMA, Sonia Maria Van Dijck. *Ascendino Leite entrevista Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: UFPB, 2000.

LISBOA, Henriqueta et alii. *Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1966.

LORENZ, Gunter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo. *Guimarães Rosa Seleção de Textos*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1991.

MACEDO, Tania. *Guimarães Rosa* – (ponto por ponto). São Paulo: Ática, 1988.

MACHADO, Ana Luísa. *Recado do nome* – Leitura de Guimarães Rosa a Luz do nome de seus personagens. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. O Léxico de Guimarães Rosa. São Paulo: Fapesp – Edusp, 2001.

MARX; ENGELS; STALINE; LA FARGUE. La alngue e son milieu. *Marxisme e Linguistique*. Paris: Payot. 1997.

MINDLIN, José. *Uma vida entre livros.* São Paulo: Edusp, 1997.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários.* São Paulo: Cultrix, 1974.

MONEGAL, Emir Rodriguez. Em busca de Guimarães Rosa In: COUTINHO, Eduardo. *Guimarães Rosa Seleção de Textos*, São Paulo: Civilização Brasileira, 1991.

MONTENEGRO, Braga. Guimarães Rosa, Novelista. In: COUTINHO, Eduardo. *Guimarães Rosa Seleção de Textos*, São Paulo: Civilização Brasileira, 1991.

MORAIS, Osvando José de. *Grande Sertão Veredas*. São Paulo: EDUSP, 2000.

NIGRI, André; BARIL, João Pombo. O nome da Rosa. *Bravo.* São Paulo, n. 103, ano 9, mar 2006.

NUNES, Benedito. O amor na obra de Guimarães rosa. In: ROSA, João Guimarães. *Ficção Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v.1, 1994, p. 112 -141.

_____. O Amor na obra de Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo. *Guimarães Rosa Seleção de Textos*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1991.

_____. Guimarães Rosa. In: Autor. *O dorso do tigre*. São Paulo: Pespectiva, 1969, p. 143- 212.

CAVALCANTI NUTO, João Vianney. *Diadorim e o Diabo nas Veredas do Sertão, Veredas de Rosa II.* Belo Horizonte: EDIPUC, 2003.

OLIVEIRA, Joaquim Benedicto de. *A Hierofania no Episódio no Pacto de Riobaldo com o Demo*. 1994. 159 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

ORLANDO, O. Espin. *A Fé do Povo*: Reflexões teológicas sobre o catolicismo popular. São Paulo: Paulinas, 2000.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. *A Consciência Fragmentada*: Ensaio de Cultura Popular e Religião. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

PIGNATARI, Décio. *O que é Comunicação Poética.* São Paulo: Brasiliense, 1991.

POUND, Ezra. ABC da Literatura. São Paulo: Cultrix, 2002.

PROENÇA, N. Cavalcante. *Trilhas do Grande Sertão*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1958.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro. A Formação e o sentido do Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

RIBEIRO, Gilvan P. et alii. *O Alegórico em Guimarães Rosa*. In: Autor. *Realismo e Anti- Realismo na Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

RODRIGUES, Carlos. *Sacerdotes de viola*: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais. Petrópolis: Vozes, 1981.

RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Brasiliana,1900.

RONÁI, Paulo. Os vastos espaços. In: ROSA, João Guimarães. *Primeiras Histórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

RONTAL, Giovana de Fátima; MOISÉS, Fausto. Riobaldo e a Ascensâo a Deus. In: BERRINI, Beatriz (org.). *Convivendo com Guimarães Rosa*: Grande Sertão Veredas. São Paulo: EDUC, 2004, p. 183-199.

ROSA, Vilma Guimarães. *Relembramentos:* João Guimarães Rosa, meu Pai*.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ROSENFIELD, Kathrin. *Os descaminhos do demo. Tradição e ruptura em Grande Sertão: Veredas.* Rio de Janeiro – São Paulo: Imago / EDUSP, 1993.

_____. *Roteiro de Leitura – Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Ática, 1992.

SANTOS, Gilmar Ribeiro dos (org*.). Trabalho, Cultura e Sociedade no Norte/Nordeste de Minas*: Considerações a partir das Ciências Sociais. Montes Claros: Best Comunicação e Marketing, 1997.

SANTOS, Paulo de Tarso. *O Diálogo no Grande Sertão Veredas*. São Paulo: Hucitec, 1978.

SARAMAGO, José. *O Evangelho segundo Jesus Cristo.* São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

_____. *O conto da ilha desconhecida.* São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

SCHWARS, Roberto. Grande Sertão e Dr. Faustus. In: Autor. *A sereia e o desconfiado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

SCHULER, Donaldo. Grande Sertão: Veredas – Estudos. In: COUTINHO, Eduardo. *Guimarães Rosa Seleção de Textos.* São Paulo: Civilização Brasileira, 1991.

SILVA, Vagner Gonçalves. *Candomblé e Umbanda*: Caminhos da Devoção Brasileira. Rio de Janeiro: Ática, 1994.

SIMÕES, Irene Jeanete Gilberto. *Guimarães Rosa:* as paragens mágicas*.* São Paulo: Perspectiva, 1976.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira.* Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

SORJ, Bila. O feminismo como metáfora da natureza. Estudos Feministas, Rio de Janeiro, 1992.

SOUZA, Laura de Melo e. *O diabo e a terra de Santa Cruz.* São Paulo: Cia das Letras, 1991.

SOUZA, Silvia de Luz. *A Recomendação das Almas:* Estudo de uma Devoção Popular no Sul de Minas Gerais. 1997. 168 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

SPERBER, Suzi Frankl. *Guimarães Rosa* – Signo e Sentimento. São Paulo: Ática, 1982.

SPINA, Segismundo. *Presença da Literatura Portuguesa*, vol. 1. 3ª ed. São Paulo: Difel, 1969.

SPINA, Segismundo. *A Cultura Literária Medieval*. 2ª ed. São Paulo: Ateliê, 1997.

TARSO, Paulo de. *O diálogo no Grande Sertão: Veredas*. Guimarães Rosa e Riobaldo. São Paulo: Hucitec, 1978.

TORRES, João Camilo de Oliveira. *História das idéias religiosas no Brasil*: A Igreja e a sociedade brasileira. São Paulo: Grijalbo, 1968.

VERGER, Pierre. *Lenda dos orixás*. Salvador: Corrupio, 1982.

VIGGIANO, Alan. *O itinerário de Riobaldo*. Brasilia: Mercado Aberto, 1993.

www.google.com.br. Acesso em: 21 ago 2005.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo